3 1761 07043292 7

Castilho Barreto e Noronha, José Feliciano de
A aguia no ovo e nos astros

PQ
9050
C37

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/aguianoovoenosas00cast

A AGUIA

NO OVO E NOS ASTROS,

SIVE

A ESCHOLA COIMBRÃ

NA SUA AURORA E EM SEO ZENITH.

Livro de propaganda, destinado a dous enormes fins:
o 1.º restituir a gloria da invenção ao verdadeiro fundador da Eschola;
o 2.º demonstrar, por meio de commentarios a uma das mais primorosas producções da Eschola, que só naquella religião litteraria pode haver salvação;

Eureka! Eureka!
HEGEL, Cap. VI.

POR

Um Lisboeta convertido.

PRIMEIRA PARTE.

Rio de Janeiro

TYPOGRAPHIA DO COMMERCIO, DE PEREIRA BRAGA

17 — Travessa do Ouvidor — 25

1866.

A AGUIA

NO OVO E NOS ASTROS,

SIVE

A ESCHOLA COIMBRÃ

NA SUA AURORA E EM SEO ZENITH.

Livro de propaganda, destinado a dous enormes fins:
o 1.º restituir a gloria da invenção ao verdadeiro fundador da Eschola;
o 2.º demonstrar, por meio do commentarios a uma das mais primorosas producções da Eschola, que só naquella religião litteraria pode haver salvação;

Eureka! Eureka!
HEGEL, Cap. VI.

POR

Um Lisboeta convertido.

Rio de Janeiro

TYPOGRAPHIA DO COMMERCIO, DE PEREIRA BRAGA

17 — Travessa do Ouvidor — 25

1866.

LIBRARY
JUN 26 1968
UNIVERSITY OF TORONTO

PQ
9050
C37

Illms. e Exms. Snrs. Reformadores da Escbola Coimbrã.

Desde dilatados evos, o meo eu, inundado de alegria irrepressivel, encarava, num quietismo contemplativo, mas com um enthusiasmo incoercivel, o verbo insignificativo de VV. EEx., cujos rostos archangelicos me esvoaçavam na mente, em suas individualidades abstractas nas unidades absolutas! VV. EEx., fazendo cair muitas escamas das minhas córneas, em sonhos me surgiam, transmittindo o Verbo carnificado, e syntheticando uma creação toda subjectiva.

Eu reconheci, não cedo, mas emfim, cansado de tantos errores, reconheci quão trancendentaes VV. EEx. não eram num mundo de conhecimentos que, como por sobre Atlante, gravitam sobre os humeros eburneos d'esses videntes da Historia.

Ou VV. EEx. manejem no seo carmen o pathetico ou a ironia, esses dous polos de toda a evolução cahotica — ou sobre as andas do finito mergulhem pelas regiões do infinito — ou componham idyllios que fluctuem — ou perscrutem os sigillos do anthropomorphismo — ou se remontem á inspiração hymnica — ou remurmurejem a complexidade do direito augural e symbolico — ou cravem as barreiras da plastica e da esthetica — ou desenvolvam a passividade e relatividade no verticello mais pudico da flòr — ou realizem a tricotomia mais caracteristica da poesia da humanidade — ou se accendam em paixões irrepressiveis, ou adormeçam no citado quietismo de alegrias intellectuaes, como dice Hegel, se é que dice — ou perquiram, em sua altivez genetica, o ideal messianico da edade genesiaca — ou me pintem a Dyotima de Platão, a Sulamite do epithalamio biblico, as tres elevações de Beatriz — VV. EEx., são sempre immensos.

O eu, que voa de mim para VV. EEx., embebeda-se na sua poesia mystica, porque o eu sente ser de volta a edade prophetica, e a edade apocalyptica; embriagou-se no hymno, forma a mais pura do lyrismo subjectivo; e a minha alma, que se elevou pela mystica unitiva até absorver-se em VV. EEx., foi a passagem da fabula sagrada de Psyche, ideada nos jardins de Academus, e converteu-se n'uma antithese mysteriosa, que só o homem como symbolo em si pode realizar.

Todo o meo eu foi para lá, e eil-o o mais humilde dos alumnos de VV. EEx. Porem a rectidão do tal meo eu força-me a entregar a palma de inventor a um ente maravilhoso, ao aêdo divino de Lava-rabos, a'quelle que vozeou na floresta do Dódona, e por uma transhumanação da sua carne a fazer-se Verbo, primeiro abraçou com a mystica unitiva o IDEAL, esse visivel, *eidos* (sem lhe faltar lettra alguma), com que as mães gregas descobriram a callipedia.

Sim, Exms. Srs. Agora é ja d'esse modo que eu intendo a ARTE; essa que conseguiu determinar o absoluto pelo sentimento; espiritualizar a poesia, elevando-a da apotheose da plastica á contemplação esthetica do BELLO: e crear a religião nova, com o titulo de néo-Rozendismo.

A dependencia entre o absoluto e a relatividade, as relações conduzindo para elle, confundindo-se com elle, tal é o pensamento profundo da *Arte moderna*, da poesia do futuro.

E' neste presupposto que eu, *na pequenhez do meo nada*, na esperança de que me comprehendam, e confidenciando com VV. EEx., lhes dedico estas paginas toscas, como quem é

De Vossas Excellencias
Admirador muito obrigado
Um Lisboeta convertido.

Rio de Janeiro, 1.º d'abril de 1866.

PRIMEIRA PARTE

A AGUIA NO OVO.

GENESIS

DA ESCHOLA COIMBRÂ.

Mas eu cá, se é certo o que a minha memoria me recorda, era tambem, invergonhado o reconheço, soldado, embora muito raso, do empestado exercito dos alfacinhas. O meo *eu* commungava com o *eu* lá d'elles. A minha alma não tinha côr. Não era harmoniosa a minha synthese. Nem o meo subjectivo nem o meo objectivo haviam outr'ora, pela escadaria da transcendentalidade, subido ás regiões coruscantes do Ideal. Na minha auriflamma não se haviam inscripto ainda as estupendas invenções de que o mundo anda boquiaberto — *Homem! — Arte! — Consciencia! — Belleza! — Verdade! — Ideal!*

E a voz dos Apostolos echoou em meos ouvidos. E eu prestei attenção funda ao evangelho de Coimbra. E fiquei convencido e convertido.

As grandes crises sociaes trazem comsigo estes phenomenos. Eu já sei que quasi todos os meos patricios estão convertidos: conversão em grande. A' vista de tantas velharias esfarpeladas, da ruina de quanto existia, da nihilidade dos homens grandes, da aposentadoria de Deus, da descoroação dos monarchas, concordo na urgencia de dar cabo de tudo o que por ahi teima em restar; e navego assim para as praias do futuro, cujo principal desiderandum deve ser o de falarmos todos de uma forma tão reciprocamente intelligivel, como se cada cidadão se exprimisse em portuguez e tivesse a resposta em malaio.

Esta invenção deixa a perder de vista a do chloroformio,

do daguerreótypo e do vapor. Nunca mais se entendendo os homens uns aos outros, acabarão assim com as brigas, e este mundo será um ceo aberto.

Quanto porem ao merito da invenção famosa (a Cesar o que é de Cesar), concordo tambem no que já li: pertence elle ás margens do Mondego, sim, mas a periodo mais longinquo. Bem bastão aos modernos glorias de brilhantes discipulos; não usurpemos ao Mestre a corôa que a posteridade agradecida lhe cingirá sobre a vasta fronte, que uma lousa avara hoje cobre, para mal da humanidade.

Devera eu ser, na minha qualidade de velho, *laudator temporis acti;* mas por isso mesmo que a geração nova ahi vai apagando os vestigios da que já caíu no golpham da eternidade, convem que as reminiscencias de quem conheceu o Messias o salvem do esquecimento; e eu conheci-o; e tenho guardado, como thesouro precioso, de que jamais consenti em desapossar-me (nem mesmo concedendo copias), algumas das grandes producções d'aquelle estro monumental.

Por ser ainda bisonho na eschola a que me converti, falta-me resolução para chamar ao meo livro *Berezith*. Basta-me, para os effeitos, o termo *Genesis*, (*) propriissimo para esta primeira secção da minha obra, onde o leitor se remontará á origem da eschola de Alexan.... digo, de Coimbra. Não a escrevo do paiz de Madian, nem no deserto; mas é o mesmo; espero que por isso não perca de valor.

A historia, eil-a aqui.

Os que actualmente cursam a Universidade de Coimbra não tiveram a fortuna e o gaudio de conhecer o nosso muito grande, e nunca assaz louvado inventor, o ingenhosissimo Rozendo; o vate excelso que innovou a poesia rançosa; o espirito sublime, para quem os mais tremendos disparates

---

(*) Ja acabei de confessar que ainda estou lanzudo, e timorato; quando amadurecer, então me farei *intemerato*. Eu vejo, nas portentosas paginas de Coimbra, o termo *Genesis* trocado em *A Génese*. Ouvi e li mil vezes *Genesis*; ouvi 4 ou 5 vezes *Genesi*; mas *Génese*, ainda me não costumei. Pouco me importa com o que vai lá pelas outras linguas: tal palavra em portuguez nunca foi senão masculina, mas isto era bolor de classicos rabujentos. Como a nova eschola proscreve o portuguez, e só compulsa livrinhos francezes, achou nelles *La Genèse*, e, zas, fez a transplantação: *A Génese*! Ainda muito favor fez ella em alterar o vocabulo para esdruxulo (bem esdruxulo é tudo isto); mas acceitou esta forma, porque em verdade os termos dactylicos são mais appropriados para os effeitos flammigeros.

se tornavam titulos de gloria immarcessivel; que soube romper audacioso com a theocracia da eschola classica ; que d'ella só acceitou certo disticho de Boileau, amontoando as ficções mais nobres , e divertindo-se, e divertindo-nos com mil.... *invenções :*

> Ainsi de cet amas de nobles fictions ,
> le poète s'égaye en mille *inventions.*

Não o conheceram, não. Pois perderam muito. Aquelle homem celebre, aquelle mastodonte do futuro, que vivia ainda ha poucos annos, foi, por quasi meio seculo, as delicias de toda a gente de *bom senso*, e de todos os maganões de *bom gosto*, que residiam na cidade do Mondego, e nas povoações circumvizinhas , até uma e duas leguas de distancia. Já é.

Não havia funcção de capello —annos de senhorita —romaria ao Senhor da Serra — ou magusto de estudantes cábulas — , em que não fosse perna obrigada o nosso grão Rozendo, vate-improvisador de uma *originalidade* antherica, e de uma fecundidade inexhaurivel.

Ja se vê que eu alludo sómente áquelles tempos remotos, em que o Rozendo brandia unico a sua espada coruscante contra tudo e contra todos, tornando-se um ferocissimo leopardo litterario. Hoje, se cá voltasse, teria, como Deus, de abdicar, excedido ahi e eclypsado por qualquer *panthero de quintal.*

Mas tornando ao nosso heroe. Muitas vezes tive eu occasião de o applaudir, maravilhado de ver até onde chegava o poder do creador !

Faz-me hoje summa pena o não haver então colhido noticias para a biographia d'aquelle heroe justamente famoso. Se houvera sonhado os destinos que o *Deus da historia* reservava no seo bojo a este apos-tolo, ter-me-hia honrado, recolhendo piamente os elementos para me tornar o Plutarcho d'este varão illustre, d'este pae-avò do futuro.

Verdade seja que eu não só me recordo de algumas particularidades de sua brilhante vida, mas conservo diversos dos seos.... evangelhos ; e entendo que, na actualidade que nos cega, já nada d'isto se deve guardar como até hoje sob os 7 sellos. Hoje a religião nova ascendeu das catacumbas para as regiões da luz. Ponhâmos tudo em pratos limpos.

Declaro, tincto de rubor, que nem sei o lugar do seo

nascimento, o que aliás dá ao nosso vate um não sei que de mysterioso, e quasi mythico. Disputou-se muito sobre o intemerato incunabulo d'aquella possante creatura ; e ja uma predestinação o approxima n'isto do seo collega, o outro pae da poesia.

Septe lugares pugnam pela subida honra ; porque o seo berço varia com as seguintes versões :—Coimbra *(Smyrna)* —Figueira (*Colophonte*)—Pedrulha (*Chios*)—Santa Eufemia (*Argos*) — Lourinhã (*Athenas*) — Lava-rabos (*Rhodes*) — e emfim Chão do Couce (*Salamina*). Se eu fosse ja homem de *invenções,* poderia, para augmentar as paridades e a symetria, procurar mais duas terras para significar as vaidosas aspirações de *Cumas* e *Pylos ;* mas nem m'o permitte a fidelidade da historia, nem a gravidade do assumpto.

Sim, os septe lugares que esmerilhem lá isso ; mas que não haja guerra por causa do lusitano Homero ; que seria lastima occasionarem-se choros por quem tanto fez rir em toda a sua vida.

A mais passa ainda a minha incrivel ignorancia. O homem por força havia de ter nome ; mas ainda nisto a predestinação tinha approximado este vulto dos grandes vultos humanos, Quem fallando de Homero, escreveu jamais Francisco Antonio *Homero ?* quem dice João dos Santos *Moysés* ? Manoel Maria *Platão ?* ou Eustachio da Silva da Fonseca e *Socrates* ? Não Sr. ; cá para a posteridade só se nos filtrou o Homero, o Moysés, o Socrates e o Platão. Pois tambem ainda Rozendo era vivo, e ja na posteridade da sua edade, se dizia o ROZENDO, *tout court.* (Não vá o leitor cuidar que é este o appellido do homem, *Rozendo Tucúr.* Isto é uma simples prova da minha erudição ; eu, para bravatear tambem de allemão, fiz-me tambem fortissimo em francez).

A profissão de Rozendo era a cirurgia, e por isso alguns o denominavão *o Cirurgião Rozendo* ; mas tenho para mim que era isso outra predestinação ; aquelle dizer corresponde a este : *o rhapsodista Homero.*

Ha mais honra em ser filho do que neto de Apollo ; e por isso o meo immortal fez cruzes á sua filiação de Esculapio. Outros dizem que deixou a cirurgia, porque ella primeiro o deixara a elle, e ninguem o chamava. Bom : o certo é que se entregou de corpo e alma á vida de trovador errante.

Não tinha *ubi* certo. Pernoitava... onde lhe anoitecia. Almoçava com quem lhe dera a cama. Jantava onde quer que

lhe cheirasse a bons bocados. Tomava chá em toda a parte. (Já se vê que este ente divino comia e durmia, como nós-outros).

Não pagava imposto algum, directo nem indirecto; não pagava cousa alguma d'esta vida. Nunca teve bolsa, nem precisão, nem idea de tal. Ahi temos pois outra predestinação, a ser certo que Homero ganhava a subsistencia, cantando de porta em porta.

Mas não. Rozendo era melhor que um bohemio, um cigano, ou um frade mendicante: era uma abelha, um sylpho, um principe do paiz das fadas; repartindo os seos favores sem pesar em ninguem; tendo achado, e guardando para si, o segredo da pedra philosophal, e derramando a alegria onde quer que assomava com o seo rosto prasenteiro, que até nunca envelheceu:

Il s'égayait toujours en mille inventions.

Era uma especie de *Castro Urso*.

A sua alcunha.... Sim Sr., tinha uma alcunha; e em vez de tomar isto por despreso, considere-o o leitor como ainda predestinação. Pois quando lê *Meonio Vate, Progenitor da Poesia*, ou *Paranympho de Achilles*, não fica logo sabendo que se trata de Homero? Acaso, ao proferir os vocabulos *Stagirites*, ou *Principe dos Peripateticos*, se insulta a Aristoteles? Ha differença entre *O velho Actêo*, e Socrates? Dizendo-se *O mais sabio dos romanos*, não se dá a synonymia de Varrão? Dar-se-hia por injuriado um romano, quando o chamassem *Romúlida, Quirite;* um coimbrão se o appellidassem de *filhote;* um fluminense de *carioca*, ou um lisboeta de *alfacinha?* Ha quem ponha em duvida que sejam locuções synonymas: *inventor da philosophia allemã*, e Theophilo Braga?

Fique pois entendido que estas variantes, longe de representarem contumelia, são magna honraria. A alcunha do Rozendo, entre o corpo academico, era o: *causa nostræ lætitiæ*.

Era um bemaventurado.

Como a alma ja tem cor, e outras condições mais ou menos physicas, hão de me dar licença para uma comparação coimbrã: a alma do Rozendo foi um centauro; compunha-se a um tempo de duas entidades mui diversas: — era um grande ratão, e um grande genio; — um menino sem

edade, e um meninó, como nunca se vira. A côr d'aquella alma era *rosada*, outra notavel predestinação para um homem que nascera *Rozendo*.

A respeito do verdadeiro feitio do seo espirito, havia duvidas e altercações entre os philosophos, e entre algumas serventes de estudantes: uns tinham-no por doido, outros por *bon vivant*, que adoptara o papel de excentrico, e o representava, sem nunca se desmentir.

A poesia do Rozendo, até ao trajo chegava.

Pois que se vestia do que achava para o canto por casa dos amigos e conhecidos, viam-no sempre vistosissimo, e como que em perpetuo carnaval. Andava a todas as modas ao mesmo tempo, para agradar a todos os gostos. Como verdadeiro fundador da eschola lavava a cara uma vez por semana, e tomava banho, por desobriga, uma vez por anno, a despeito do nome da terra que com mais probabilidade tivera a fortuna de lhe ser berço.

A nuvem, o sonho, o kaleidóscopo não são mais caprichosos do que era a sua apparencia, e tudo lhe ficava bem: era um homem muito feliz.

Num octubro, quando os estorninhos academicos concorrem de todas as partes para a sua poetica cidade, appareceu-lhes elle, todo pulchro e radioso, com um traje, armado todo de sua mão. Até para aquillo lhe dera Deus habilidade. De umas ceroilas tintas com oca engendrara umas calças de ganga; de um retalho de chita de ramalhões de uma coberta, um colete; dos destroços de um capote escocez, uma casaca; de uma meia de seda, uma gravata seria; e da pelle de um cão amarello ingraxada, um chapeo armado, com presilha de vidrilhos, e o laço nacional em cima. Se não fosse esta ultima cousa, parecia o nosso homem uma *ode moderna*.

(Tambem tinha isso: que era muito patriota; neste ponto é que se não podem medir com elle os seos rivaes de hoje).

Completava este pittoresco arranjo com um caldeirão de prata, de oito tostões, no bolso do relogio, trazendo pendente, á guisa de cadeia, a tralhoada de um candieiro de tres bicos: balde, espevitadeira, apagador, e tenaz, tudo tão areadinho, que parecia ouro.

Casou já velho com uma ingleza, que não era nova, nem rica, nem remediada, nem bonita, nem feia, nem poetica, nem prosadora; mas que descontava todas estas qualidades negativas pela excentricidade nacional com que o escolhera

e preferira d'entre todos os portuguezes. Ja tambem lá está na terra da verdade !

Infelizmente , d'este consorcio não ficou descendencia. O que por ahi barafusta agora , são puramente filhos intellectuaes.

De Rozendo restam apenas, em memorias e canhenhos de alguns curiosos, poucas trovas, das innumeraveis que de dia e noite golfava aquelle vulcão poetico.

Bom serviço faço ás lettras patrias, alem de tributar uma justa homenagem posthuma ao grande homem (que sem isto se iria pelo Lethes abaixo), colligindo e publicando o mais que pude apurar de authentico, d'entre as poesias que se lhe attribuem. E' isso o que vou executar.

Outros , incitados pelo meo exemplo , lograrão talvez a fortuna de trazer a lume copia mais avultada de poemas do Rozendo ; mas a mim ficará sempre a fama de ter sido o primeiro desinterrador d'estas preciosidades.

Um motivo de consciencia me induziu sobretudo a fazer *hoje* esta publicação.

Nenhuma alma bem nascida poderia presenciar sem lastima e indignação que na propria Coimbra ! se esteja usurpando ao verdadeiro creador da eschola do IDEAL (quando tão poucos annos tem ainda corrido sobre a sua sepultura , e por todo o Portugal ha ainda tantas testimunhas que o viram e ouviram) a gloria de creador d'este genero mirífico.

Que são *Visões dos Tempos* e *Fiat Lux ? Savanarolas* e *Beatrices ? Poesias do Direito*, e *Odes Modernas ?* que são *Elmanices da Cunha*, e lithographias de um Correggio, bacharel em theologia e direito, occulto na caraça de papelão, de Motta ? São apenas imitações pállidas dos raptos sublimes do immortal Rozendo.

Pois, só porque um grande homem jaz debaixo dos torrões, e ja não pode puchar por sua justiça, hão de vir, no proprio Capitolio dos seos triumphos, negar-lhe a prioridade, e (oh nova predestinação homerica !) talvez até a existencia ? ! Sim, porque o leitor bem sabe que Vico e Wolf e Braga , e outros videntes , affirmam que Homero nunca existiu.

Para convencer ao leitor de quanto é justa a minha indignação por este roubo sacrilego e covarde aos manes de um homem memoravel , juntarei aos versos de Rozendo alguns dos que em identico estylo se tem composto nestes ultimos tempos ; e os imparciaes , confrontando os docu-

mentos, que decidam quem foi, ou quem é, o verdadeiro fundador da altisonante Eschola Coimbrã.

SONETO.

A CERTA DAMA, CARA DE CANA E DENTES DE ESPETO.

MOTE.

Marilia, o meu coração te é grato.

O' musas, tende piedade!
Ajudae-me a fazer este grande soneto!
E vinde todas vestidas de preto,
E venha Apollo vestido de frade.

Venham todas as freiras falar á grade;
Venha a abbadeça com mitra e espeto;
E todas as mais creadas vestidas com pelle de gineto;
Que é para aliviar a sua saudade.

Heroicos do universo! ai! que me esquento.
Que vejo! um rato! não, não é um rato;
E' um aranhão peçonhento!...

Porem, que é isto! um carrapato,
Que, jogando o voltarete, ganha um tento!
Marilia, o meo coração te é grato.

O grande soneto, com os versos grandes, que se acaba de ler, prova desde já, que o grande genio de Rozendo era mui superior á ridicularia de estar contando as syllabas dos versos.

Ainda ha dous dias se lia naquelle manifesto de guerra que a minha eschola coimbrã arremessou ao mundo— « *que os novos escriptores intendem fazer por si o seo caminho; que não querem mestres, nem regras; que se revoltam contra a auctoridade dos papas e dos pontifices, etc.* » E como prova da sua *liberdade*, da sua *independencia*, intraram a fazer versos heroicos, que heroicamente variam desde 3 até 24 syllabas, sem pausa, nem regras de especie alguma.

Mas, alem das ulteriores provas, ja aqui se demonstra que este serviço é do Rozendo. Era um poeta livre de todas as peias; conscio da sua dignidade; independente... do senso commum. Fazia os versos a esmo, e fazia elle muito bem. Com isso *evitava a monotonia*, e patenteava praticamente o

intemerato do seo caracter, e os titulos de sua *carta de alforria*. (E era varão de tal incorruptibilidade que nunca os subjeitou á bençam de nenhum papa, nem á chancella de nenhuma chancellaria).

Não ha dúvida de que os novos apostolos medem os seos versos por igual medida. Por exemplo, o Sr. Th. Braga na *Visão dos tempos :*

—Tentava a grata sombra da arvore da encosta.
—A recebel-os veio com intimo transporte.
—O mel era mais doce que o leite d'Amalthea.
—Enlevado a contempla. Nunca tão formosa.
—Que desce em breve á paz do frio jazigo.
—Calido anceio, delirio, ais, blandicias etc.

Pertence o Sr. Quental á mesma eschola ; por exemplo:

— Este e aquelle deixal-o no meio da rua.
— E como o que numa mina vai de bruços.
— Colera e vento de morte da Siberia.

e centenas de outros assim; mas nada de confusões: o anno de 1825 é antecessor do de 1865, e conseguintemente a invenção não é dos Rozendistas de agora.

Não foi pois original o Sr. Anthero, nem nisto, nem quando escarneceu do *Tractado de Versificação*, nem quando, em conformidade com as suas *theorias liberaes*, compõe versos que a párvoa humanidade chama prosa pessima.

Sim ! O creador da poesia de todo o tamanho, foi o nunca assaz decantado Rozendo.

MOTE :

Debaixo d'um laranjal.

DECIMA.

Estava um certo maganão,
Ás direitas, que não ás tortas,
A calçar as suas botas
Metido num caldeirão
Feito no grande Japão
Com azas de cristal
Que lh'as fez o Vidigal
Quando cantou uma modinha
Junto com certa menina
Debaixo d'um laranjal !

Na mimosa poesia que antecede, o estudo attento revela outra verdade. Este rimar de *botas* com *tortas*, e de *menina* com *modinha*, evidencía que o rimar *ad libitum* foi introduzido pelo grande Rozendo. O Sr. Anthero, que repelle como modelos Homero e Virgilio, curva-se ante este modelo, quando rima *homem* com *dolmen*, *dolmen* com *dormem*, *corações* com *mãos* etc., etc.

E nem se julgue ser isto só tendencia do Sr. Quental; é canon da theologia coimbrã. O mesmo se pode affirmar do Sr. Th. Braga, o qual rima —*juntos*, com *muitos*— *desvario*, com *caíu*; e *caíu* com *frio*; e *Chio* com *reflectiu*— e *óasis* com *diz* — *pôço*, *colosso*— *chôro*, *meteóro* —*rócha*, *rôxa* — *visse*, *fixe*— *vertigem*, *virgem*, e muitas outras cousas por esta guisa. *Liberté, fraternité ou la mort!*

Mas o inventor foi Rozendo. O seo a seo dono.

OUTRA DECIMA AO MOTE PRECEDENTE.

Continua o maganão
A sahir de certo lado
E por traz d'um taboado
Pilha certo coração.
Apresenta-o logo na mão
E o salpicou com sal;
Retirou-se para um arraial
Para alli tocar fagote
Metido dentro d'um ... pote
Debaixo d'um laranjal!

Esta imagem do *coração pilhado, apresentado na mão, cortado*, e *salpicado com sal*, foi approveitadissima, e disseminada pelas *Odes modernas*. A pag. 61:

Cada pedra, *que cai* dos *muros lassos*
Do *trémulo castello* do passado,
Deixa um peito partido, *arruinado*,
E um *coração aberto em dous pedaços*.

(Não faz lembrar as *fatias*, da *Pedreida?*) Mas continuemos: Que accontece a este *coração partido?* Vêde pag. 18:

Do coração partido nasce um lyrio!

E depois diz-nos que corações d'estes, partidos por pedras, abertos em dous pedaços, e deitando lyrios pelo meio,

não se encontram em parte nenhuma, senão nas *Odes Modernas*, ut a pag. 130:

Por mais que profundeis, não heis de uma hora
Chegar jamais ao coração.

E se chegasseis, ficarieis estupefactos com os corações d'estes senhores, pois os acharieis salpicados com sal, ou em posições ainda infinitamente mais raras. Verieis com pasmo corações descansados, estatelados numa cama, e roncando no travesseiro, em quanto o leito dos taes cujos se não revolve e despedaça. (*Od. Mod.* Pag. 138):

Os corações, que estavam descansados,
E tinham travesseiro
E leito, no que vai ser revolvido
E ser despedaçado.

Acerca da decima que antecede, só temos a accrescentar que o seo mote, com pequenas variantes, tem occupado os principaes genios da eschola. Sob a variante:

Que dá vida ao laranjal,

tambem o glosou o Sr. Th. Braga, como se vê, a pag. 113 das *Tempestades Sonoras*.

MOTE.

Viva a bella sociedade!

DECIMA.

Dous amantes assanhadiços,
Deram nas ventas um ao outro.
Um parte para o Porto,
Outro vai apanhar carriços.
Reunem-se, mettem-se nuns cortiços
E vão fallar a um frade,
Que estava amerzendado numa grade,
Comendo bellos caracoes,
E dizendo por bemoes:
Viva a bella sociedade!

Estes *amantes assanhadiços*, que andam e desandam, indo *um para o Porto*, e *outro apanhar carriços*, fazem lembrar as *nuvens* que tambem *andam e desandam*; mas estas cá

tem mais merecimento porque, de banda a banda, deixam ver o ceo:

> Desfeito como nuvem que desanda,
> Deixará ver o ceo de banda a banda.

Lá, no Rozendo, os amantes deram nas ventas um ao outro, partindo um para o sul, outro para o norte,

> Que é lá onde, escondidos na frieza,
> Vegeta o musgo e se concentra a alma
> (O. M. p. 23.)

Mas, em todo o caso, o frade tem razão: *Viva a bella sociedade*!

> Evoé! Oh padre Lyeo!
> Saboé! Evan, Bassareo!

philosophia magnifica que o Sr. Quental resume nestes versos (pag. 30):

> Ou bella ou triste, horrivel ou sublime,
> Santa ou maldita, a vida é sempre grande!

MOTE:

Thesouros de mil venturas

DECIMA.

> O' Lemos! tu és o meu bem.
> Nem me pedes eu te lembre
> Dá-me tu leite creme
> Por que tenho grande paixão.
> Dar-te-hei um tentilhão;
> Oh! que magnifica assadura
> Comeremos naquelles dias
> Em que se prégarem as bullas
> E iremos todos ás enguias
> *Thesouros de mil venturas*!

Esta decima gastronomica, pintando-nos uma assadura magnifica, e um tentilhão, e pratos de enguias, e a grande paixão pelo leite creme, e as mais cousas que se hão de comer naquelles dias, toda esta papança, que faz vir agua á bocca, é o que as *odes modernas* (p. 28) assim na sua coercivel synthese compendiaram:

> Festim que Deus no mundo
> Para os homens *armou*!

Este *armou* vale quanto pesa.

Talvez se reflicta que o nosso Lava-rabense tem alguns bordões de estylo. Aqui vemos *grande paixão;* e a palavra *grande* vem grande numero de vezes, como outras; mas eu não me atrevi a alterar uma virgula no texto, e nem sequer a punctual-o. Quanto a estes bordões, persuado-me serem uma das bellezas da eschola. Assim se acham em cada pagina do Sr. Quental —as escamas dos seos olhos— cousas diversas a rolar —ebrio—idea—culto—verbo—lyrio —delirio—vida—atomo—etc., etc., afora os vocabulos technicos do dogma cabalistico.

No Sr Th. Braga ainda é mais sensivel esta belleza.

VISÃO D'UM TEMPO.

QUADRAS.

Por traz da Porta Ottomana
Estão trezentos bacamartes
Com que Pedro Malasartes
Defende a Curia Romana.

E eu lá vi a Deus num monte
Dando grande conversa a Moysés;
E Moysés vir pelo monte abaixo
Correndo muitos judeos aos pontapés.

Isto é poesia biblica, com suas tendencias genesicas; mas não totalmente apocalypticas.

Affigura-se-me ter sido como commentario d'esta visão que uma *Ode Moderna* (p. 78) nos mostrou

Essa nuvem sombria onde se esconde
O Senhor do Sinai e as doze tábuas.

Mas isto do moderno é vinho de outra pipa: erudição do finito e infinito! e cheia de finita e infinita sciencia. O que Moysés recebeu do Senhor do Sinai foram as *duas tábuas* da lei. *Doze tábuas,* foi o codigo dos decemviros, gravado em bronze, e exposto no *Forum*. Portanto formule-se esta receita, na pharmacopea do *Ideal*:

RECIPE :
Senhor do Sinai — 2 drachmas
Doze tabuas — 4 escropulos
Litteratura Coimbrã — 2 litros
Caldeie e mande.

DR. QUENTAL.

FRAGMENTO D'UM SONETO NO DOCTORAMENTO DO SR. ANTONIO JOAQUIM BARJONA.

(Infelizmente deploram os bibliophilos ter perdido o 1.º quarteto).

. . . . . .
. . . . . .
. . . . , ...
. . . . . .

Vem um homem vestido de folha de cuentro
Meltido numa casca de melão
E Minerva põe no telhado, o coração
De septe bedeis e meio e um sargento.

E vem toda a nossa Academia
Ja muito depressa a salto e salto
Para ouvir a bella sanfonia.

E diz um ao outro : « Eu não falto »
E canta uma pega com uma cotovia
Os louvores de Brajona no mari alto.

Este *Brajona*, este *mari alto*, innovações tão urgentes como as do *auguro*—do *sete-estrellos*—do *de donde*—do *antiste*—do *longiquo*, hão de vir, como estas e outras que taes, na nova edição, que está no prelo, do Diccionario de Bacelar.

Alguns pichosos censuraram a Minerva por ter posto o coração no telhado. Insania ! Nas *Modernas*, Medea faz, *com as flores melhores do coração*, philtros pretos, que são a confusão ! Anda uma cousa pela outra.

Lá quanto ao penultimo verso, direi que se uma pyramide pode conversar com uma carcassa desinterrada de mastodonte, não é muito que uma pega cante com uma cotovia.

VISÃO D'OUTRO TEMPO.

Vi voar um pelicano (*)
Nas azas d'um corvo cru
Levando no alto... (**)
Pendurado um castelhano

DECIMA.

A' missa nova de Frei Francisco
Ha de ir toda a gente da Pedrulha.
Elle prega o sermão dentro d'uma tulha
Que ha de fazer tudo em cisco.
Não metta lá o nariz o Bispo
Nem rosnem os verdeaes.
Aquella festa não é como as mais
Ha de ser tudo comer e beber.
Commungão-se bifes de roer
Depois dança-se nos Olivaes.

Isto lhe sisou o seo contrafactor; e até parece ter sido uma das inspirações, que mais o inspiraram, para admiraveis poesias das *Odes Modernas*, como, entre outros logares, se póde ver a pag. 39 e 84.

Essa missa nova do Frei Francisco, onde não hade metter

(*) Estas passarolas são de grande consumo no gallinheiro da eschola, e especialmente as aguias. Por ex., nas *Od. Mod.*:

— A *Verdade* é aguia augusta (p. 21).

— A *Liberdade* tem azas de aguia, para ajudar ao chôco da Unidade (p 24)

— Mas a *Tyrannia* tambem é aguia fatal (p. 89), ao passo que a *Hypocrisia* é mocho.

— E tambem ha *uma voz* que tem vôo d'aguia e sai de um cadinho (p. 17).

— E *aos que choram!* ha de vir do ceo! em meio de uma aurora! uma aguia! que lhes leve os seos desgostos! (p. 22)

— E cega-se a aguia de Patmos (p. 27)

— E é aguia-bifronte a *Auctoridade* (p. 78).

— E quem ha de *abater os grandes e poderosos* é tambem uma aguia cruenta (p. 107).

— E tambem está triste a aguia da França (p. 113).

— E a aguia da Russia tem garras para cravar na Liberdade (p. 155) etc. etc.

Isto é Cicero, pugnando *pro domo sua*. Como o poeta, e com razão, se tem por aguia, tudo quanto é grandioso, no bem ou no mal, quer ter por collega. E aqui está tambem o segredo do titulo da minha OBRA!

(**) Eis aqui uma visão muito imaginosa, e que bem pode ter inspirado aquella poesia das *Odes Modernas* (p. 106), que acaba:

Com medo de ser visto, e que se abraze
No rabo do cometa.

o nariz o bispo, exprime-se com esta, um pouco menos intelligivel, variante Quentalica:

O Povo ha de fazer-se, então, bispo e levita.
E será *missa nova* a missa que dicer:
E hade achar ao sermão por thema o que medita
Hoje confuso *(apoiado)* e está na mente a revolver.

Onde se lê que hade ir *á missa toda a gente da Pedrulha*, generaliza-se, nas *Odes, dizendo*:

Para a eterna missa da Harmonia
Eis o povo christão ahi disperso.

Quando diz da missa nova, que *aquella festa não é como as mais*, dá o porquê a *Ode Moderna*:

Porque um veste a estola do infinito
Para deitar a grande bençam —Vida—
E a aurora é o *sursum corda* do universo
E a luz é o *oremus*, porque é hostia o sol!

Quanto finalmente ao vocabulo *tulha*, é, em sentido não menos nobre, empregado pelo distincto imitador.

DECIMA:

Albarda a ursa do norte
E não te me faças camello
Que vou visitar o setestrello
Cheio d'um grande transporte.
Dou uma galopada muito forte
Pela estrada de Santiago,
A' procura d'um logar vago.
Que quero pôr lá um planeta
Com uma facia branca, outra preta.
Mas primeiro dá cá um trago.

Aqui vê-se que o setestrello nasce d'aquelle *camello;* e talvez tambem d'aqui nascesse o *setestrellos* do Sr. Anthero, que *sabe que Tu hasde comel-os.*

Nisto ainda poderão os interpretes suscitar alguma duvida; mas onde a não ha, é em ser a presente decima a idéa-

mãe do *Fiat-Lux*, do mesmo senhor, que darei na 2.ª parte d'este livro. Examinem bem, e verão.

Ha alem d'isso reminiscencias d'esta poesia por outras *odes modernas*. Assim (pag. 96) :

> E nasceu uma aurora d'esse lado.
> E essa face radiante era a que Judas
> Não chegara a tocar. Porem a outra
> Que elle tocara, conservou-se escura.

Então isto não é mesmo o *planeta com uma facia branca, outra preta ?* E'. Só o que lhe falta, é o *Mas primeiro dá cá um trago*. Porem esta lacuna de imitação comprehendeu-a o Sr. Th. Braga, quando (*V. dos T.* p. 169) depois de ter feito o seo apostolo dizer muita trapalhada, acaba assim:

> Pois que ninguem responde aos meos acenos,
> Fra Benedetto ! um gole d'agua ao menos !

Tambem ouvi censurar o *facia*. E' da eschola. O Sr. Th. Braga diz Carybides :

> Surgiu tambem no mar Carybides e Scylla
> (Vis. dos T. p. 54.)

Só me resta defender de insanos ataques a idea grande, muito grande, grandissima, majestosa, sublime, monumental, mastodontica e pyramidal, de crear o Vate um planeta reluzente, e ir pôl-o em algum logar vago. O Vate ! Sabeis vós, simples mortaes o que é um Vate, conscio da sua dignidade ? Não é como esses pobres diabos

> que do peito humano fazem cunho (p. 73).

nem como

> Os leprosos que põe ouro nas chagas (p. 74).

excellente tratamento anti-morphetico. Não e não. O Vate é o Espirito. O Espirito é o fogo, e de mais a mais incandescente *(ça va sans dire)*. E é um Espirito que baptiza ; e que baptiza ao lume ; e lume da Idea. E sabeis vós mais, ó ridiculos ignorantes, qual é o resultado do baptismo de lume incandescente ? E' poder um mortal fazer cousas como estas da decima do Rozendo : pegar ahi em qualquer grãosito de areia, e ir a galope pôl-o n'um logar vago, mudado num astro reluzente. Assim nol-o confirma o Sr. Quental (O. M. p. 44.)

Foi o Espirito, o fogo incandescente,
Que os baptizou ao lume da IDEA,
Porque possam pegar no grão de areia,
E mudal-o num astro reluzente....

DECIMA.

Estava na gandara do Carqueijo
Um cavallo rabão esfolado
Virado para uma casa sem telhado
A falar com fala (*) de persevejo;
E saía um grande relampejo
Esbofado da alimaria
E um poeta cantava uma aria
Embrulhado numa roupeta;
Depois pôz-se a andar de muleta
Para a casa de Dona Apollinaria.

Sem grande temeridade se pode presumir que, se não fosse ter lido esta decima, não se lembrava o Sr. Theophilo Braga de escrever o seo *Masthodonte*. E até nem sequer aqui teve cuidado, como na *Poesia do Direito*, de algum tanto disfarçar os plágios. Vista faz fé:

Aquelle enorme *cavallo rabão esfolado*, corresponde ao

do ingente masthodonte
alva gigante ossada;

só com a differença de que o Rozendo não intenderia necessario dizer-nos que um mastodonte é ingente, e alem disso que a sua ossada é gigante.

Põe-se a *Pyramide* a cavaquear com o *Masthodonte*:

Como... vens secco, mirrado,
Da penumbra do tempo, e assim te inquietas
A' luz! oh, conversemos do passado!

Ahi fica pois uma conversa entre um edificio e um animal. E' exactamente, como no texto, o rabão

---

(*) Este hebraismo — *falar com fala* — é muito imitado pelos Coimbrões, por ex. (*Od. Mod.* p. 31):
E' um *boccado* apenas para a *bocca*.

Virado para uma casa sem telhado
A falar com fala de persevejo.

E nem me digam que o meo antigo é menos correcto ; que desadoro. Elle não diria que o bicho *se inquietava á luz*. Elle nunca diria que *no tempo ha penumbra*, cousas antipodas, visto penumbra não ser mais que o effeito de alguma luz refracta sobre logar sombrio. Elle clamaria contra quem escrevesse que a *penumbra sécca* , *où mirra* cousa alguma. Nada ; o imitado excede aqui ao imitador.

Continúa o antigo :

E saía um grande relampejo
Esbofado da alimaria

idea, reproduzida e variada pelo moderno, que faz dizer ao interlocutor :

E' minha voz o raio (*relampeja*).
O torvellino varre o areal ardente,
Como faminta fera que fareja.

Confessemol-o : o antigo dice melhor : *esbofado da alimaria*, sem mais nada. Pois o verbo *varrer* pode applicar-se ao movimento do torvellino ? Pois é licita a comparação (e ainda para maior !) de um torvellino de simoun com um bicho a cheirar ? Foi imitação, mas pouco feliz. Só o que *foi furiosamente feliz, fazendo finito e infinito effeito, foi a faminta fera que fareja.*

Diz Rozendo :

E um poeta cantava uma aria

Diz o Mastodonte :

Perdida como a nota de alguma aria.

O auctor da *decima* apresenta a figura embrulhada numa roupeta; o do *Mastodonte* num sudario. *Mutato nomine de te fabula narratur.*

O moderno compara um mastodonte e uma pyramide com dous anachoretas! e, no intuito de completar um tão appropriado simile , põe a pyramide, velhinha e coxa , a andar lá para muito longe, de muletas :

Sejamos como dous anachoretas
A quem chamou de longe ignota fala,
E decrepitos vão ja de muletas.

O logar parallelo do antigo é:

Depois poz-se a andar de muleta.

Em qual, ha mais *bom senso* e mais *bom gosto*?

Finalmente num d'estes hymnos recolhe-se uma figura a casa de D. Apollinaria; no outro recolhe-se ás areias uma *ossada informe*... deixando-nos só a meditar como é que a ossada gigante não tinha forma, mormente estando todos os ossos articulados, visto que falavam rangendo (Aqui um vizinho me segreda que a eschola faz synonimos as palavras *disforme* e *informe*).

Não ha pois um verso, uma idea da decima do Rozendo, que se não ache no *Mastodonte*, em estado de diluição.

Ha, sim, alguns versitos mais, que todos me offerecem muitas duvidas, taes como:

Do sol que luz na extrema do horizonte
Jorra atravez luz pallida, coada.

Ja sei que do sol que luz jorra luz, mas *atravez* !... Atravez de quê ? Adivinhemos.

Tambem fico tonto vendo aqui e noutro logar, que este sol que luz é ao mesmo tempo — de luz pallida, — de luz coada—e desmaiado—; e que bem assim—jorra—dardeja—e está em brasa. E' o chaos de Ovidio.

Item, que um ranger de ossos pode comparar-se a um concêrto.

Item, que páramos podem servir de sala, e que para conversar uma pyramide com um bicho precisa salões.

Item, que um colosso é mais que um imperio.

Item, que a humanidade é creadora como Deus.

Item, que uma pyramide vence o tempo, e está á sombra da arvore da sciencia.

E dezenas de cousitas mais. Mas não nos afastemos do nosso propósito. Neste logar é do grão Rozendo, o antigo, que eu devo de preferencia occupar-me; e só concluo, enfadando-me de que, depois de a Pyramide ter dito ao Mastodonte :

Responde pois com o ranger dos ossos

o ladrão do Mastodonte fizesse ao nosso idioma o epigramma de responder em portuguez ! Ainda, se fosse allemão !

Havia mais um poema epico intitulado—*O Futuro*.—Supponho-o desgraçadamente perdido, o que deixa grande lacuna nos fastos da litteratura coimbrã. Só me lembro que preambulava d'est'arte :

Este mundo é um carro com 4 rodas.
Duas vão direitas, e duas vão tortas.

E por quanto os louros do aedo de Lava-rabos não deixam durmir o Sr. Quental, parece que, em contraposição áquelle poema do *Futuro*, anda caçando inspirações para um poema do *Passado ;* mas informam-me que lucta com difficuldades innúmeras, pois ainda não assentou bem como hade qualifical-o. D'estas incertezas vejo provas nas *Odes Modernas*, onde o mesmissimo *Passado* é, ora um Deus, ora um Diabo. Por exemplo :

O Passado !—Jardim de sombras e aromas !
Cotta de cavalleiro,
E veo de santa, e manto de sacrario !
—Mysterio e heroicidade !
O Passado ! O Passado ! A nau gigante,
Firme, mas socegada,
Porque o fio de bronze que a ligava
Chamava-se Virtude ! etc. (p. 142)

Isto até aqui não está dando vontade a um homem de ser *passado*, que é tanta cousa juncta e tão bonita? Mas abrenuntio com a tentação de sereia, porque logo em outra pagina (90) o poeta nos diz :

Vai indo, e vai varrendo a casa immunda
Que se chama *Passado*.

E para de todo desvanecer a nossa illusão, e pôr-nos zonzos, impreca (pag. 76) da seguinte forma, contra aquelle mesmo *Passado :*

O Passado ! essa larva macilenta
Mixto de podridão, tristeza e sombras....
Mudou de roupa—mas o corpo ainda
É o mesmo... é peior, que cheira á cova !

Esperemos a publicação do precioso livro, para melhor comprehendermos estas coherencias, e estas sublimidades.

Mas eu confesso que preferia ver o distincto talento do Sr. Anthero applicado a concluir o poema inceptado pelo seo predecessor, por isso que aguas *passadas* não movem moinho, e eu gostava mais de que elle nos lesse a *buenadicha*, para não irmos assim ás tontas, e como elle tão eloquentemente nos advertiu (pag. 94)

Caminhando p'ra a estrella da alvorada
té que se desembrulhe esta meada.

Conseguintemente dirijo-lhe a minha petição, formulada numa quadra dos sertanejos do Ceará, segundo nos diz o Sr. Juvenal Galleno :

Não te lembres do *passado*.
O *passado* já passou.
Só te lembres do *futuro*,
Que ainda não principiou.

Este derradeiro verso prova que no Ceará estão atrazados.

Darei finalmente uma producção importantissima do mesmo valente estro. Nasce-lhe aquella importancia, não só do seo valor intrínseco, senão da sympathica circumstancia de haver sido a derradeira poesia do benemerito litterato, a qual nos manifesta que, apezar de já então estar o homem muito velhinho, nunca arrefeceu aquelle estro até sua hora suprema, nem lhe perdeu a musa o condão anacreontico de juvenilidade.

Tinha casado em Ançã um subjeito chamado Lopes : a noiva chamava-se Ermelinda. Deram ao nosso cantor do Munda o mote

Instantes afortunados,

a que elle fez as seguintes muito notaveis glosas, emmudecendo poucos dias depois, visto que as Deusas da *Verdade*, da *Arte* e da *Nossa Consciencia* não podiam por mais tempo dispensar cá pelas regiões do finito um tão infinito genio. Eis aqui as quadras, ou quartetos, ou odes antigas, ou o que melhor nome haja. Por serem mui extensas, não me demo-

rarei em annotal-as profusamente. Quem tiver compulsado as paginas da eschola, a cada verso estará achando similhanças.

Ermelinda ! Tu tens grandes agrados.
Ermelinda ! Tu tens grandes carinhos.
Ermelinda ! Tu tens no peito dous lobinhos.
Instantes afortunados.
Vem petimetres muito aceados
a ver qual hade vencer;
uns parados, outros a correr
Instantes afortunados.
Uns são peraltas empavezados.
Outros dos cábulas dos estudantes.
Uns e outros são grandes gavizantes.
Instantes afortunados.
Todos vem a correr mui estouvados
para verem a Ermelinda bella.
Vem um frade numa gamella. (*)
Instantes afortunados.
Vem dous bedeis de pés atados,
de bacalháos e espadim ;
Todos vem tocando clarim.
Instantes afortunados.
Vem de casaca oito frades Bernardos.
Vem em ceroilas oito de S. Bento
Mas uns e outros cheiram ao unguento.
Instantes afortunados.
Vem um esquadrão de kágados.
Trazem lanças de ponta aguda.
A menina leva uma aguda. (**)
Instantes afortunados.
De repente co'os olhos inchados (***)
Apparece Morpheo co'uma seringa;
E vem o Torres, que é grande pinga.
Instantes afortunados !

(*) E' claro que este Reverendo vinha-se banhando na gamella. Isto emendou o Sr. Anthero para melhor e mais commodo , quando (*O. M.* p. 26) nos revela com que intuito o Creador das cousas creou o oceano :

Que Deus ha dado aos homens, porque banhem
O corpo todo e nadem á vontade.

Ora , visto fica que o Rozendo teria dispensado a gamella, se soubesse que o oceano tinha sido feito para o frade se banhar e nadar á vontade.

(**) Rima o adjectivo *aguda* comsigo mesmo. D'aqui se deprehende que não houve originalidade nas *Odes Modernas* , ao rimarem — *fim* e *emfim* — *nosso* e *nosso*— *esperança* e *esperança*, etc.

(***) Deus queira que, inchado com o humor vitreo expandido, o olho lhe não estale , como succedeu á lei do Sr. Anthero (*O. M.* p. 99) :

Estala a velha lei como um balão inchado
Pela expansão dos gazes.

Ja com a pressa vem todos cançados.
Chichisbeos vem á porfia.
Com trompas e fagotes tocam a symphonia.
Instantes afortunados!
Ao longe se veem ja arrebatados
Todos que vem de cavallaria,
Tocando timbales numa almotolia.
Instantes afortunados.
Com o calor vem todos abrazados.
Trazem todos o rabo esfolado.
E tudo o mais vem muito inflammado
Instantes afortunados.
Uns trazem os calções esfarrapados.
Outros trazem as ciroulas sujas.
As caras todas parecem de corujas.
Instantes afortunados.
Mas são todos muito malfadados
pois a menina a todos resiste,
pois só no Lopes acha certo chiste.
Instantes afortunados.
Todos querem ser namoriscados.
Fazem danças e piroletas,
uns com tregeitos, outros com caretas.
Instantes afortunados.
Todos estão co'os olhos afogueados,
lançando sobre ella o rabo do olho.
Uns são vesgos, outros tem cara de repolho.
Instantes afortunados.
Outros olham a furto e aos boccados.
Depois dançam a gaivota o o lundum;
mas cheira-lhe a cabeça ao atum.
Instantes afortunados.
Ja com os coletes todos desabotoados,
com o cançasso e grande fadiga,
que até um deitou uma lombriga (*)
Intantes afortunados.

(*) Rozendo, na infancia da arte, chama ás cousas por seos nomes. Uma lombriga é uma lombriga. Nós hoje a denominariamos um ente repressivel, symbolicamente transsubstanciado num unitivo lumbricoide. Ou pelo menos lhe chamariamos *verme*, se lhe não chamassemos *insecto*, o que, segundo a sciencia moderna, é uma e a mesma cousa (*O. M.* p. 81):

Deixala ir! Os *vermes* que a rodeiam
Querem comer-lhe o tronco — Estes *insectos*
São audazes.... porque? porque são cegos!
Hão de gastar os dentes nessa lida.
Hão de gastar depois ainda a cabeça.
Hão de por fim gastar o corpo todo.

Que imaginação! que bom senso! que estupendo bom gosto! Aqui temos

Emfim todos estão inflammados
e jogam o sôco até não mais.
Quebram candieiros e castiçaes.
Instantes afortunados.
Uns com os olhos arregalados;
outros com o bigode arrancado;
um ja no chão estirado. (*)
Instantes afortunados.
Ja todos arrebatados,
a desordem se augmenta;
vão os feridos numa jumenta.
Instantes afortunados.
Outros, bem acondicionados,
vão dentro de uma liteira.
Vai um Prior e uma Parteira.
Instantes afortunados.
Os da vizinhança estão pasmados.
Acordem os Verdiaes e o Meirinho;
mas um lhe quebra o focinho.
Instantes afortunados.
Mas emfim elles la vão agarrados.
Dá-se parte ao Reitor.
Vão, ao toque do tambor.
Instantes afortunados.
Todos vão ser castigados;
mas a menina pede ao Prelado,
que é calvo e remellado.
Instantes afortunados.
Já todos emfim são libertados.
Vão todos tocando e dançando;
mas uns vão feridos, outros coxeando.
Instantes afortunados.
Todos emfim apaziguados,
eis que chega uma velha á carreira;
vem de bofes, punhos e cabelleira.
Instantes afortunados.
Traz sobre o casco uns altos penteados.
Saphyras e perolas colhidas na mina (**)
Tudo isto para offerecer á menina
Instantes afortunados.

—vermes que são insectos— insectos que são audazes— audazes, porque são cegos. Aqui temos insectos com dentes; cabeça que sem dentes ainda róe; e quando ja nem cabeça resta, os pés ainda a roer. Que remedio tem elles, pois que juraram *comer o tronco!* E ainda haverá quem diga não ter isto pés nem cabeça?! Tem cabeça e pés.

(*) Este *chão* coberto dos corpos dos estropiados intende-se muito melhor que o chão das *Odes Modernas* (p. 28):

Do chão do infinito seara ardente

(**) Eis aqui a auctoridade a que o Sr. Th. Braga se agarrou, quando, na *Visão*

Diz que é da familia dos Amados;
e tambem traz comsigo um filho,
que traz um tabardo, e um espartilho.
Instantes afortunados.

Depois de todos comprimentados
pede a menina em casamento;
mas o filho é um grande jumento.
Instantes afortunados.

Ja emfim de todos enganados
o filho furioso quer se vingar.
A velha se assusta, e põe-se a rosnar.
Instantes afortunados.

Todos os pertendentes ficam mamados.
Só o Lopes tem a primazia.
Fica inchado, que parece hydropisia.
Instantes afortunados.

Marca-se o dia dos noivados.
Lopes ja se principia a enfeitar;
mas tem um leicenço a deitar (*)
Instantes afortunados.

Vão para o hymineo todos aceados.
Ermelinda leva um xales de merinó,
e na cabeça um grande tótó.
Instantes afortunados.

Os irmãos vão todos empavezados.
O pai leva a farda da Bicha.
Tambem vai Dona Gavicha.
Instantes afortunados.

Todos os que são convidados
lhe mandam doces e vitellas.
O padrinho vai de espadim e fivellas.
Instantes afortunados.

Vão todos os cavalheiros e morgados
muito bem penteados de caracol,
uns de chapeo a 3 ventos e d'ourinol.
Instantes afortunados.

---

dos Tempos, e nas *Tempestades Sonoras*, mostrou a sua erudição, dando perolas a Ophir, que nunca as teve, e era só famosa pelo ouro. Eram *perolas colhidas na mina.*

Quanto ás saphyras, são umas gemmas orientaes! que se encontram nos areaes auriferos! E' sabido que os rubis, amethystas, esmeraldas, topazios, etc. costumam andar a rolar nas ondas, pois, como muito bem diz o Sr. Anthero (*O. M.* p. 130), o coração é

O grande rio de areaes auriferos
Arrastando saphyras em cada onda

(*) Eis aqui bem respeitada a grande lei dos contrastes, como prescreve a eschola.

Outros muito bem fardados
levam suas madamas ao pé,
umas de fraldas bordadas, outras cheirando a rapé.
Instantes afortunados.
Todos os da Bicha vão armados ;
levam suas gaitas e tambores.
Uns deitam foguetes e levam cobertores.
Instantes afortunados.
Vão todos a saltar mui bem formados.
Levam o zabumba e um pandeiro.
E o outro leva incenso dentro de um fogareiro.
Instantes afortunados.
Ja são á egreja chegados.
O cura accende um grande pharol,
Que é todo feito de cerol.
Instantes afortunados.
Ja todos estão ajoelhados.
Trabalha o tambor, gaita e badalo.
Vem todo o povo de Ançãa e de Bordallo.
Instantes afortunados.
Tambem se veem amontoados
o povo d'Almalaguez e Rabaçal.
Vem o da Geria, Lava-rabos e Louriçal.
Instantes afortunados.
Ja emfim os noivos estão casados.
Ferve a amendoa, o confeito e a pastilha.
A mãi toda se baba, e a madrinha se incasquilha.
Instantes afortunados.
Ja sendo a casa todos chegados,
Comem de uma pipa e bebem de um caldeirão. (*)
Vem o medico e o cura a cavallo no sachristão.
Instantes afortunados.
Os noivos são por toda a parte abraçados.
A funcção é com todo o esplendor.
Vem o barbeiro e tira-dentes com um andor.
Instantes afortunados.
Todos os do accompanhamento alvoraçados,
os tafues e as madamas dão á perna :
um agarra, outro belisca, outro aperta. (**)
Instantes afortunados.

(*) Novos contrastes sublimes. O commum é comer-se do caldeirão, e beber-se da pipa, mas a nossa gente, para patentear a sua dignidade, faz tudo ás avessas dos outros.

(**) Isto aqui lá parece fresquinho, sim Sr., e mostra o Lopes muito condescendente ; mas é nada, comparado com a *Visão dos Tempos*, pag. 105 :

A coxa trémula, o macio pêllo
E a pyra de crystal onde arde a chamma
Que incendeia sem ver-se, etc.

E mais uma pag. 111, que me não atrevo a transcrever, e mais muita cousa, e mais metade das *Tempestades sonoras*, e mais quanto escrevem estes inimigos dos poetas antigos, por suas lubricidades.

Todos enfim enthusiasmados,
tudo é gaita, zabumba e assobio ;
tudo anda á roda e de corrupio. (*)
Instantes afortunados.
Já depois de muito cançados,
Vão para o seo leito (**) Venus e Cupido.
Ella se incolhe, elle se estende ao comprido.
Instantes afortunados.
Assim estão os festins acabados,
ja da meia noite para a uma hora.
Boa noite, meo senhor ! boa noite, minha senhora !
Instantes afortunados.
Ja d'este dia ficam convidados
para o baptisado e grande serenata
ja que Monsiú Lopes assim se afragata
Instantes afortunados.

Cœtera desiderantur.

Importa porem confessar que a Eschola Coimbrã não só em Coimbra tem sido cultivada. O Brazil, tão insultado por ella, tambem conta estros, primos co-irmãos dos que honram os sinceiraes do Mondego. Presupposta a devida venia, aqui darei uma amostra. Tendo vindo a esta cidade uma domadora de feras, chamada Labarrère, o talentoso Sr. Nunes Garcia lhe dedicou a seguinte *Inspiração :*

Na tua fronte cingir só deve
Os louros da immortalidade.
(Auctor.)

Tu, da vontade — ENTE — portentoso
No teo — SEXO ! — és bem corajoso
Serás tu o SOL ?!
Ou és *Lucifer ?*
Anjo tu não és
Oh brava mulher !
Deusa tu serás
Ou és *Satanaz ?*

(*) Que, em quanto os pés na terra, *em corrupio,*
Lhes fogem impassiveis, firmes, altos,
Erguem olhos, sem ver os sobresaltos,
Riscando as sociedades no vazio.
(Od. Mod. pag. 43)

(**) Naquelle tempo ainda os leitos nupciaes eram compostos, como aqui singelamente se vê, de colchão e enxergão, e lá atraz se viu, de cobertores. Nisto a eschola tem progredido muito. Hoje, como o mostram as *Odes Modernas*, pag. 57, tem os thálamos nupciaes cupula e mosquiteiro, mas tudo isso pendente das tábuas do leito para baixo, afim de cobrir... de cobrir... eu sei cá o que ?

Em ti vejo o prazer, vejo tambem pavor.
Vejo encantos, vejo tambem amor.
Serás tu o sol! ? etc.

Co'a tua presença brutos se dobram.
Tanto s'infurecem como se domam
Serás tu o sol ! ? etc.

Como é que tuas feras te vendo falseão ?
Teu TIGRE não uiva, nem ruge o LEÃO !
Serás tu o sol, etc.

Como é que subjugas a bravia HYENA ?
Tua predilecta, tua flôr da scena!
Serás tu o sol, etc

Tu em commum com as feras bravias,
A ellas aqueces e a nós tu esfrias.
Serás tu o sol, etc.

Da JAULA tua flor, teo amor perfeito,
É o teu URSO—teo amor do peito !
Serás tu o sol, etc,

Por teo semblante sempre risonho
Talvez dormite o bruto medonho.
Serás tu o sol, etc.

Tu esplendor da raça humana
No mundo és tudo até soberana !
Serás tu o sol, etc.

Se tu és dos effluvios magneticos
Confundes tudo e nos pões scepticos.

Creio pois haver demonstrado que os actuaes *inventores* não são os *inventores* da sua *invenção* ; que são do novo culto ferventes apóstolos, mas successores do aedo, do homem divino, que baixou á terra, ao despontar a aurora do esplendido futuro que é presente.

O apparecimento do homem grande é uma fatalidade. Vem quando é necessario dar uma fórma , imprimir o seo caracter, a sua individualidade a uma generalidade que se evolve na força inconsciente do estado cósmico. Depois de ter realisado a apotheose fora de si, o homem completa-a na sua personalidade ; é a ascenção do naturalismo ao anthropomorphismo a lei de todas as religiões. Não tendo mais que divinizar, a intelligencia, eterna na sua actividade incessante de Eumenide, ante os problemas insoluveis do universo, eleva-se á abstracção, terremoto precursor do cataclysmo, manifesto nas regiões de illuminados, entregues

ás contemplações espiritualistas, na reconcentração interior dos Essenios e Therapeutas. Na *Arte* a esculptura inspira-se do grotesco : em Strasburgo vê-se representado um asno, de alva, dizendo a *missa nova*, cercado de outros animaes que o ajudam e servem de diaconos. O *Bobo* é uma personificação do grotesco (1). Mas ahi é que está o merecimento. Nas apparencias grotescas de Rozendo apalpa-se ja a revelação do infinito pelo finito, antíthese que só o genio do homem, como symbolo em si, pode realizar :

> Preceitos que mais obrigam
> pedir quem pode mandar.

Ergo, aqui deito ancora á 1.ª parte do meo livro, proclamando esta proporção: que

— *Rozendo está para a litteratura coimbrã, como Vyasa para o mysticismo oriental.*

FIM DA PRIMEIRA PARTE.

---

(1) *Poesia do direito*, cap. IX.

A AGUIA

NO OVO E NOS ASTROS,

SIVE

A ESCHOLA COIMBRÃ

NA SUA AURORA E EM SEO ZENITH.

Livro de propaganda, destinado a dous enormes fins:
o 1.º restituir a gloria da invenção ao verdadeiro fundador da Eschola;
o 2.º demonstrar, por meio de commentarios a uma das mais primorosas producções da Eschola, que só naquella religião litteraria pode haver salvação;

Eureka! Eureka!
HEGEL, Cap. VI.

POR

Um Lisboeta convertido.

Rio de Janeiro

TYPOGRAPHIA DO COMMERCIO, DE PEREIRA BRAGA

17 — Travessa do Ouvidor — 25

1866.

SEGUNDA PARTE

A AGUIA NOS ASTROS

A ESCHOLA ROZENDÃ EM SEO ZENITH.

Graças a Deus, está preenchida a primeira parte da minha tarefa civilisadora. Ninguem mais porá em dúvida o Genesis da eschola Coimbrã; e a posteridade ficará sabendo que o legislador, o Lycurgo, foi o grão vate Rozendo; e por isso proponho que a sobredita eschola se denomine indistinctamente *Coimbrã*, ou *Rozendã*.

Desempenhei um dever de consciencia; rehabilitei o meo esquecido heroe, o benemérito das lettras e da philosophia. Estou satisfeito. Por muito menos se encaminhou para o Capitolio, para, como eu, dar graças a Deus, o meo predecessor, Cornelio Scipião.

Ja porem declarei não ter sido só para isto que pedi a palavra. Aspiro a muito mais. Eu ja dice que a immensa luz que, recentemente projectada de Coimbra, me deu de chapa nos olhos, fez-me abjurar os velhos e esfarrapados principios litterarios, incarniçar-me contra tudo quanto o mundo qualificar superioridade, e apostolar a lei nova como um possesso. Embora me chamem renegado; tenho muita honra nisso; e protesto portar-me com todo o ardor de um missionario fervente, de um reitor de cathecúmenos.

Eu não quiz que se roubasse a gloria ao fundador; mas

o meo animo recto ambiciona com egual affan que se faça justiça aos seos piedosos successores. Esta religião é um islamismo litterario. O alcorão, o livro da lei, o que incerra as doctrinas, é o Evangelho do Rozendo; seria pois uma encarnação morta, em vez de ser uma encarnação viva.

E' mister que o Verbo esteja sempre vivo. Viveu na origem, pois se fez carne de Rozendo para ensinar os homens do seo tempo; vive e viverá na prolongação dos séculos, pois se fez espirito para inspirar os seos apostolos e a sua egreja; vive pelo culto, pois nós todos, os ulemas d'este mahometanismo, gritaremos em coro: « Só o Ideal é Ideal, e Rozendo o seo propheta. » Mas honra aos Osmanlis de Coimbra. Elles sabem, com egual mérito, perpetuar a religião nova. A phrase — El-rei morreu; viva El-rei — pode aqui respeitosamente parodiar-se: — O Rozendo morreu; viva o Rozendo! —

Mas, por quanto estes verdadeiros crentes, apezar de pizarem o bom caminho, tem o seo tanto de nebuloso e estapafurdio, eu que mergulhei audacioso pela cerração d'aquellas nevuas, resolvi traduzir tudo em portuguez mortal (que é o falado pelos simples mortaes), e manifestar em notas e commentarios urgentes, o que ha de grandioso e sublime na moderna eschola do Ideal. O mundo, quando a entender, pasmará; e do Tejo ao Neva, do Austro ao Boreas, o universo se coimbrizará, e dará o seo voto para o logar vago de deuses aos meninos do Quebra Costas.

Para esta minha utilissima analyse, escolherei uma obra portentosa, uma prophecia infallivel, a pedra angular do futuro.

E não se cuide que me occuparei ahi de qualquer cousa á tôa; será de nada menos que DA CREAÇÃO DO MUNDO, estupendo quadro de lanterna magica do muphti, ou antes do propheta Anthero do Quental, producção pasmosa, destinada a maravilhar e revolucionar a redondeza.

E que ha hi com effeito mais imponente e majestoso que similhante assumpto?

O desejo de conhecer a formação do mundo que habitamos occupou e deveu occupar em todos os tempos os espiritos pensadores.

Cada religião phantasiou a sua cosmogonia.

Moysés (o outro meo predecessor) contou, no seo *Genesis*, o trabalho dos seis dias.

Os philosophos e geologos deixaram-se de inspirações celestes, e pediram á propria terra, ao raciocinio e ao cálculo, novos systemas ou novas hypótheses.

Tudo ignorancia: *Terra erat inanis et vacua.*

Estava reservado para Portugal, e para a Serra do Bussaco, —para o nosso século, e para o memoravel sexagessimo terceiro anno d'elle—a verdadeira revelação cosmogonica; que por isso o propheta appropriadamente intitulou a sua obra: FIAT LUX!

Vai ler-se a doctrina archi-brahmanica, com que afinal se illustra a humanidade. Vedas, e outros livros sagrados (não tanto como este) haviam ja estabelecido a pre-existencia da Divindade, que, na origem das cousas, constituira por si só tempo, espaço; ente unico, eterno, infinito, sem corpo, sem partes. Era erro! Erro era o Demiourgos, de Platão, supremo auctor da natureza, que em sua mente concebia as ideas archétypas do universo. Errou Virgilio, ao descrevernos a sua

Mens agitat molem, et magno se corpore miscet.

Errou Moysés, desenvolvendo-nos o trabalho dos seis dias. Errou Spinosa, proclamando o Deus-Materia, constituindo unico o *Pan*.....

Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
que outra Creação mais alta se alevanta.

Demócrito e Epicuro são supplantados. O chaos, que nelles representava as combinações variadissimas de um acaso feliz, converteu-se num oleiro do infinito, amassando mundos entre o tempo e o espaço, e praticando outras mil cousas do arco da velha.

Veja o mundo! aprenda! e prostre-se!

O propheta escreveu (diz elle que em verso) a obra da sua sapiencia; e em verso muito remontado e sublime; linguagem de aguia. Eu, singelo periquito, mas seo humilde discipulo, accompanharei o texto de uma versão em prosa, em que as intelligencias vulgares possam mais facilmente penetrar; e onde me parecer que ainda isso não basta, porei notas aperitivas da excellencia do texto original.

ORIGINAL

FIAT LUX!

Terra erat inanis et vacua.

Tinham os astros ja mil annos —tinham
Talvez cem mil —ou tinham um minuto (1)
(Pois quem sabe (2) contar horas ou seculos
No relogio —que tem o firmamento
Por quadrante —e (3) algarismos soes e estrellas (4) ?
Stavam ha muito alli)5).
O velho (6) Chaos (7)
O Oleiro (8) do Infinito, que entre as duas
Mãos (9)—o Tempo e o Espaço (10)—os amassara (11),
Cançou por fim tambem (12) de fazer mundos,
Não tendo (13) ja mais barro — nem mais raios (14)
Com que o barro pintar.

ESTUDOS CRITICO-PHILOSOPHICO-COSMOGONICO-GENESICOS SOBRE ESTE CAPITULO APOCALYPTICO.

(1) Começa logo por esta sublimidade : uma apalpadella, uma incerteza entre cem mil annos e um minuto; e logo abaixo, considerar num minuto uma temporada.

(2) Suppunha a gente de espirito apoucado que annos, séculos, dias, e as divisões convencionaes dos dias em horas, minutos, etc., tudo tinha o seo primeiro e unico fundamento na astronomia. O propheta revela o contrario. Lá pelas estrellas, não se sabe cousa alguma dos tempos. Para outra vez, nos dirá por onde é que se sabe ; isto não ha de ir tudo de atacado.

(3) Um escriptor menos transcendente não teria ommittido aqui a preposição *por*.

(4) Para se saber que as *estrellas* não são *soes*. Notemos bem estes *algarismos*.

(5) *Alli*! onde? O propheta ha de o declarar para a outra edição.

(6) Escriptor menos original teria posto *antigo* ; ou antes nenhum epitheto.

(7) Não sendo o *chaos* senão a *materia cosmica* em confusão ; e achando-se a materia cosmica (chamada *barro* ! pelo propheta) ja formada em mundos disseminados pelo espaço, o chaos cessava *ipso facto* de existir. Assim parece; mas o propheta , que é mais profundo do que isso, continúa a ver o chaos, onde elle, por falta de materia, não pode existir. Mysteriosa prova de um *bom senso*, inattingivel aos filhos de Adão!

(8) Se o *chaos* é a materia em confusão, ou *o barro*, como pode ser o *oleiro* ? Como ha de ser ao mesmo tempo martello e bigorna? Esta dúvida só pode caber em criticos terrestres. Lá nas *olarias do infinito* , o *oleiro* é o *barro*, e o *barro* é o *oleiro*. Não percebem? Pois aqui é que está a sublimidade do BOM SENSO. A idea de *oleiro do infinito* é do *melhor gosto*. E não venham allegar que os oleiros fabricam *vasos*, e esto não faz senão *bolas*; objecções taes são futeis.

TRADUCÇÃO

FAÇA-SE A LUZ!

E a terra andava toda presumida
e não sabia nada.

Existiam os astros, havia cem mil annos, ou mil, ou um minuto, emfim muito tempo, porque lá por astros não se sabe medir o tempo.

O Chaos, que é o Oleiro do infinito, e tem duas mãos— o Tempo e o Espaço— e que fora quem amassara os astros, estava cançado de fazer mundos, ja não tinha barro para mais, nem luz com que os vidrar.

---

(9) Adore-se a estupenda imagem das *duas mãos do chaos*, quando a essencia do chaos é não ter parte alguma distincta. *Bom senso!*

(10) As mãos, cá segundo os conhecimentos apoucados, são sempre irmans uma da outra; mas lá nas *olarias do infinito* correm outros ares: as *mãos* são entre si *diversissimas*. *Bom senso!* Bom de lei! Agora o mysterio, que ainda não podémos penetrar, é como o *espaço* e o *tempo* podem ser *mãos do chaos!* O propheta ha de explicar isto; e então se reconhecerá que era *bom senso* e *bom gosto*, tudo ao mesmo tempo.

(11) Os astros foram *amassados*, segundo a lettra do texto, entre o *tempo* e o *espaço*; d'onde se segue (alem de muitas outras cousas) que o *oleiro do infinito* não é como cá os *oleiros do finito*, que amassam o barro no amassadouro, e não entre as mãos. O que elles fazem com as mãos e com a roda é dar-lhe a fórma—que umas vezes é frigideira—outras púcaro—outras panella—, mas *bolas* nunca. Entretanto aquillo ha de ser *bom senso*, lá nas regiões do *infinito*. Nós os mortaes é que o não percebemos. Por isso nos pareceria mais acertado ter-se posto, em logar de *oleiro*, um *fabricante de bolas de cisco*.

(12) Parece aos grammaticos acanhados, que o *tambem*, aqui, não tem sentido algum, e não passa de calafeto para o metro. Se é assim, foi delicadeza do propheta, pois elle bem sabia que duas syllabas de mais ou duas syllabas de menos não são cousa em que se repare.

(13) *Cançar de fazer mundos*, por *não ter mais barro com que os fazer*, parece disparate aos intendimentos communs, que perguntam se o *chaos* cessou de fazer *bolas*, pela *carencia de materia*, ou por *exhausto de forças*. O propheta não lhes responde; e faz elle muito bem: a quem tudo quer saber, nada se diz.

(14) Podendo esta palavra ser tomada em dous sentidos muito diversos: *raios de electricidade* e *raios de luz* (e até quasi nunca se tomando, quando solitaria, senão na primeira accepção), parece que pedia o *bom senso* que viesse ao menos um adjectivo solver a dúvida. Entretanto não é assim: aquella feliz expressão *com que o barro pintar*, não está indicando que se fala dos *raios de luz?*

Ora (15) limpando (16)
As mãos que estavam sujas (17) do trabalho,
E esfregando (18) uma palma contra a outra (19)
Soprou (20) depois os restos (21), sem ver (22) onde (23),
Por esse abysmo (24) alem.
Oh pó de mundos (25) !
Migalha (26) dos banquetes (27) do Principio (28) !
Triste parto (29) das sombras, atirado
Sôbre (30) o berço (31) de luz do firmamento !
Morcego (32) horrivel, meio tonto e cego,
Caído (33) no salão de lustres d'astros ! (34)

---

(15) Conjuncção, de uma grande elegancia poética para aqui.

(16) Que *bom senso* e *bom gosto* nesta expressão : *o chaos ! limpando ! o tempo ! e o espaço ! que estavam sujos ! do trabalho !*

(17) Expressão muito limpa... de *bom gosto*.

(18) *Esfregando o tempo contra o espaço*. Quem é que não percebe isto ? !

(19) *Esfregar contra* não estava no diccionario ; mas podem-n'o agora pôr lá, que vai bem auctorizado.

(20) O *chaos*, sem embargo de não existir já, por haver perdido a materia de que se compunha a sua essencia, não só tem duas mãos, mas *assopra*. Bom senso !

(21) —« De que ? »—pergunta o leitor.—« Que lhe importa ? »—pode o propheta responder ao leitor— « Eu não escrevo para você ; escrevo para os da minha lingua. Esses bem intendem que eu falo dos *restos do barro*. »

(22) D'aqui parece inferir-se que o *chaos*, alem de *mãos* e *sópro* tambem tem *olhos*. E isto, de mais a mais para um chaos que ja não existe, sempre é grande privilegio !

(23) Os grammaticos das duzias haviam de querer que o auctor pozesse aqui *por onde*, em vez de *onde*. Pois não pozestes ! Isso é bom para os miseraveis, que ainda accreditam em grammatica e diccionario. O *bom senso* e o *bom gosto* pairam lá por outra esphera.

(24) Que intenderá o propheta pelo *abysmo* por onde se foram os *restos soprados pelas mãos esfregadas* ? Aqui dão-se a perros os commentadores. Um quer que por *abysmo*, se deva intender o *espaço*. Mas a isso lhe refila outro : —que, se o *abysmo* é o *espaço*, e o *espaço* e *uma das mãos do subjeito*, o *sópro* só podia fazer ir as *migalhas pela mão fóra*. Aqui ha mysterio fundo. Cumpre-me confessar que não lhe metto o dente.

(25) Tambem aqui andam os commentadores a nadar, porque não intendem como aos *restos da materia chaótica* se possa chamar *pó de mundos*. Porque a palavra *pó* não quer dizer *sobejos* ; e portanto não pode designar os residuos que ficassem depois dos mundos formados. Mas isso é lá para o *bom senso* d'elles ; o do auctor é um *bom senso* muito diverso, e eu pela minha fé robusta accredito, até sem o intender, que é elle quem tem razão.

(26) Agora confesso humildemente que tambem eu fico ás aranhas, vendo o *pó do mundo* ser ao mesmo tempo uma *migalha de banquetes*.

(27) Que *banquetes do Principio* foram esses, de que sobejou, como *migalha*, o *pó de mundos* ; isto é, o que o *chaos soprou das mãos esfregadas ? ! Ban-*

Ora pois, limpou o Oleiro do infinito as mãos embarreadas, esfregando-as uma á outra, e lançou com um sôpro os restos pelo abysmo fora.

Estes restos, que voaram pelo abysmo fora, eram pó de mundos, e ao mesmo tempo migalhas dos banquetes do Principio, e tambem um triste parto das sombras, atirado sobre o berço de luz do firmamento, e ainda por cima morcego, horrivel, meio tonto, e cego, caído no salão de lustres d'astros!

---

quetes do Principio! *Banquetes*, dados por quem e a quem, e compostos de que?

(28) Quem é este *Principio*, personificado tão epicureamente? E *Principio* de que?

(29) Complica-se a cousa para a pobre intelligencia humana. O *pó de mundos*, que era *migalha de um banquete*, é ao mesmo tempo um *parto triste de sombras*, e um *morcego*. Adoro reverente esta simultaneidade de cousas incompativeis no mesmo objecto: *pó*, *migalha*, *parto* e *morcego*. Isto não pode deixar de ser muito *bom senso*, e muito *bom gosto*!

(30) Atirado *ao berço*, ou *para o berço*, diria qualquer portuguez das dúzias; mas os prophetas são em geral muito hebraizantes, o que não deixa de contribuir para a sua veneração.

Ha ainda além d'isso aqui outra belleza: os taes restos tinham ao mesmo tempo rolado, e caído das mãos, mas agora se vê que foram tambem *atirados sobre o berço*.

(31) O texto, apezar de tanta *luz*, está *escuro* para mim. E' o *firmamento* que dorme num *berço de luz*; ou o *berço de luz* é o proprio *firmamento?* Seja o que fôr. O importante é que ao *pó* — *migalha* — *parto* — *morcego* — coube a dita de ter um *berço*, e *berço de luz*, que é *firmamento* A propria idea de acalentar a luz num berço tem seo *quid* de eminentemente poético.

(32) Não avento muito bem o porque se dá ao globo da *terra* a figura de um *morcego*; nem porque a este morcego se chama *horrivel*, e *meio tonto* e *cego*. Aqui o *bom senso* e o *bom gosto* andam tão embrulhados no pittoresco e sublime, que só Newton, o Commentador do *Apocalypse*, o deslindaria, se vivo fosse. Um esmerilhador pertende que a imagem é appropriadissima, vindo de Coimbra, onde se chamava outr'ora, como diz Bluteau, *Lente de morcegos* ao que dava postilla á boquinha da noite: *Vespertinus magister*, ou *professor noctuabundus*, adjectivo de Cicero. O nosso propheta é o lente noctuabundo, que á roda de si em tudo vê morcegos.

(33) Bom! Tinhamos *um morcego no berço da luz*; agora vemol-o *caido no salão*! E hão de taxar o auctor de exagerado! Chamou ao morcego *meio tonto*, e agora se vê que isto era modestia, pois o bicho estava *tonto e meio*.

(34) O morcego *caido no salão* ja era linda imagem; agora *salão de lustres*, melhor; e *salão de lustres de astros*, superfino. Que potencia de imaginação!

O pó soprado (35), informe bola (36) escura (37),
Como filho injeitado, que se esconde
Pela sombra dos muros (38), foi rolando (39)
Pelos cantos do espaço (40), involto (41) em trevas... (42)
Que o não vissem os soes (43).
E foi descendo (44)

---

(35) Tivemos em cima o *pó de* mundos; temos agora o *pó soprado*. *Póde? Posso*. Será talvez para manifestar o *poder* do excelso vate. Assim com uma cajadada matam-se dous coelhos.

(36) Um geómetra, mettido a critico, espantou-se de se chamar *informe* (ou *sem fórma)* a uma *bola*, que é uma *fórma* determinadissima, e até de todas a mais perfeita. Mas nós ja vimos (a pag. 24) que tambem uma *ossada* bem *articulada*, era *informe*, na opinião do Sr. Th. Braga. Segue-se d'aqui que os sábios da eschola Rozendã não escrevem para geómetras, cujo *bom senso* é muito material de mais.

Fiquemos pois nisto: que o *pó—migalha—parto—morcego*, foi tambem promovido a *bola*.

(37) Bem se vê que ainda não era chegado o século das luzes: *Não tinha raios de luz—parto de sombras — morcego meio tonto —escuro —sombra de muros —involto em trevas — maior a treva —trevas com medo de se ver tão negras —ave de noite eterna —aza de sombra*. Segue-se d'aqui, d'estas variantes da mesma idea, d'estas *sombras* em triplicata, d'estas *trevas* em triplicata, d'este *escuro*, que o auctor se está revendo na sua propria obra, e tendo a delicadeza de emprestar ao morcego as suas proprias qualidades.

(38) E' este para os commentadores um dos passos mais crespos do presente capítulo genésico. Sua-lhes o topete para poderem dizer o que se intende pelo

.... filho injeitado, que se esconde
pela sombra dos muros.

Um dos intérpretes mais sagazes dos muitos que eu consultei, faz a seguinte ponderação:

Não sendo costume *injeitar filhos ao subpé dos muros*, os *filhos* de que o propheta aqui nos fala são necessariamente em sentido figurado. Ora *injeitados escuros*, que se largam *á sombra dos muros*, parece não poderem ser senão uns certos desgraçados, que não podem servir senão para fecundar a terra, os quaes a gente aceada não baptiza; deixa-os ficar onde nasceram, e lhes applica o verso de Dante:

Non t'occupar di lor, ma guarda e passa!

São uns *innocentes*, que não tem *cheiro de sanctidade*; e não se estranhe vel-os na bocca de um propheta. Ezechiel tambem o era, e foi-lhe mandado que os comesse, e não teve outro remédio, pois egualmente a elle fora dito:

Eu cá bem sei que Tu hasde comel-os.

Se o intérprete deu no vinte, como agora me vai parecendo, admiro o *bom gósto* do propheta!

(39) Este *foi rolando* é que atrapalha algum tanto a interpretação conjectural da nota precedente, porque os *injeitados pelas sombras dos muros* não

Do pó fez-se uma bola, e foi rolando pelos cantos do espaço, mas involvida em trevas, para que os soes a não vissem.

Aquella bola foi descendo, e quanto mais tenebrosa se

---

rolam nem podem *rolar*, salvo quando os escaravelhos os torneiam em maçãs.

Note-se porem que este *rolar*, na bocca dos videntes, nem sempre significa rolar. Nas *Odes Modernas*, o auctor anda sempre a rolar; dil'o-i-heis o poeta-dobadoura. Mas não senhor, este verbo rebolão é dos mais appreciados nos páramos da eschola.

A ella creio filiado um venerando escriptor, que em originalidade eguala ao nosso propheta. Denominam-no *O Mal das Vinhas*. Um dia, annunciando á venda uns certos espartilhos d'aço, assim se exprimia:

« São flexiveis e por isso, como fica dito, podem e devem mesmo usar-se, pois conservando a rectidão do corpo chamada, sem pressão, mais perfeita a circulação se opera que, reparem bem, é a alma da vida em todos os seos apparelhos, visto que, cessando ella, immediatamente principia a fermentação e após a dissolução, seguindo-se então no cadinho universal, em milhões de minimissimas particulas a evaporação e precipitação, ROLANDO-NOS assim para a massa geral d'onde saímos. »

Conseguintemente, deixem rolar a bola, que vai bem.

(40) Os *cantos do espaço*, que é *infinito*, e não tem *cantos*, são uma expressão de *infinito bom senso* transcendental. Quem não perceber que perceba, ou peça a Deus que o mate.

(41) Pela grammatica dos Lobatos, e outros espiritos catacegos, não é liquido se o *involto em trevas* é o *espaço*, ou o *filho*, ou o *pó soprado*. Deixal-o não ser! E' boa impertinencia a dos taes grammaticos, que não hão de permittir a um espirito superior voar por onde elle muito bem quer!

(42) Parece, *á primeira vista*, que, depois de ter posto o *escuro*, podia dispensar muito bem o *em trevas*. Pois sim; mas *á segunda vista*, reconhece-se que quanto mais, melhor. A gente de *máo gosto* chama a isto pleonasmo, havendo até insolente que o qualifica de pleonasno. Não Sr.; são hebraismos.

(43) Um physico rabujento poderia imbirrar nesta razão, e chamar-lhe tola. O physico diria — « Como é que uma cousa se involve em *trevas*, para que o *sol a não veja? Trevas* são ausencia da luz; onde o *sol* bate não ha *trevas*. »

Vão-se passear os physicos rançosos! Isto está bom, bonito, e de muito *bom senso*.

(44) O penúltimo verso acabava *foi rolando;* com a mais elegante symetria acaba este: *e foi descendo*. Um apóstolo do diccionario reflectiu-me que nestas duas cousas havia contradicção: se a bola rolava não descia; se descia não rolava. Outro officio, meo amigo. Ella desce, porque vem pela escada do Infinito abaixo, e rola porque o pó de mundos tem natureza de borracha; vem saltitando pelos degraus. Não ha incompatibilidade.... e que a houvesse

Finalement la contradiction
est des mortels la douce passion.

Estranho, negro, horrivel, monstruoso (45).
E, quanto era maior a treva, ainda (46)
Mais o medo crescia que (47) o olhassem....
E mais o horror de si o indoudecia...
E mais girava (48), immenso ja de inchado
De terror e delirio (49)!
Os grandes astros (50),
Como um viveiro immenso de fulgores (51),

Tambem concordo em que, para philosophos.... triviaes, as ideas de *subir* e *descer* são inapplicaveis tanto ao *universo* como ao *espaço*. Para os prophetas é outra cousa: esses sobem e descem por lá como num predio de muitos andares. E de mais (ponderar-lhes-hia eu, mui ancho): — « Vocemecês (os philosophos ainda não gastam Excellencia) não fazem os seos mappa-mundis com um norte para a cabeça, e um sul para os pés? Ergo o universo tem um *acima* e um *abaixo*. »

E viva o grão propheta, que *foi descendo* pelos espaços.... imaginarios. Só a ignorancia pode chamar aquillo *mão senso*.

(45) Esta infiada de epíthetos é o zenith da poesia:

ESTRANHO! Neste sentido, que gallicismo enérgico e pyramidal!

NEGRO! Que formosa repetição do que ja tinha vindo dez vezes! quanto deve aprazer, se é que *decies repetita placebunt!*

HORRIVEL! Que honraria para o adjectivo, que ja 7 versos antes viera á scena (*morcego horrivel*), assim merecendo as honras do *bis!* e que fôrça, ó Deusa da Nossa Consciencia!

MONSTRUOSO! Que belleza naquelle vago! Sim, porque *monstruoso* (prodigio, contra as leis da natureza) significa tudo quanto se quizer. Lobo dice: *um monstro de talento e de vicios* (Ahi vai o tambalalão); *monstro de atrevimento e valor*. Camões dice numa elegia (VIII):

Pois quem com outro merito render-te
presume, oh raro *monstro de belleza*!
muito mais longe está de merecer-te.

Na accepção tambem favoravel se empregava esta palavra no latim, como se vê em Silio (XVI. 333):

Juvenisque animum tam clara movebant monstra.

Este incerto, este indeterminado na significação da palavra *monstruoso*, é aqui de um alcance immenso. Só lhe poderão notar que a palavra corresponde exactamente á accepção em que do francez se tomou a outra palavra: *estranho*; mas isso mesmo é intencional: *Estranho* no princípio do verso; no fim d'elle *monstruoso*. É uma especie de pescadinha frita com o seo rabo na bocca.

Ha quem não ache isto do *melhor gosto*. Sobre gostos não disputemos: gosta o propheta, e gosto eu.

Sim, Sr.; é um bom verso:

Estranho, negro, horrivel, monstruoso.

E alem d'isso, verso certo e estrondoso! Que mais lhe querem? Acham por ahi muitos com estes requisitos? Oh ruins de contentar!

sentia, mais medo tinha de que a vissem, e mais se horrorisava de si, e mais inchava de terror e delirio, e mais girava.

Entretanto os astros cantavam luz.

---

(46) Diz lá outro grammatiquinho :—« Este *ainda* não cabia aqui. »—Mas coube ; respondemos nós ; e está acabado.

(47) E tambem aqui refila o grammatiquinho contra o *medo que*, em logar de *medo de que*. Outra vida, grammatiquinho ! Mette-te lá com os poemas e livros humanos, e respeita os escriptores inspirados, que voam por cima de toda a folha, e atiram com as do Lobato para ao pé dos *injeitados pela sombra dos muros*.

Mais o medo crescia que o olhassem

é um verso tão flexivel, até por causa do hiato, que se ingole sem se sentir que se ingoliu um verso.

(48) Girava, girava, não ha dúvida. A tal *bola* tem seo quê de *gira*.

(49) .... *immenso*.... *de inchado*
De terror e delirio.....

Estudemos isto.

O terror (que é o medo no maior auge) faz *incolher* e não *inchar*.

Incha-se o *animoso* e o *intemerato ;* o *timorato incolhe-se*. Por isso se diz : —Fiquei com o coração mais pequeno que uma pulga—Incolhi-me todo de medo—Fiquei mais pequeno que um grão de milho miudo—Apertou-se-me o coração.

Arraes fala das *velas inchadas da presumpção e da arrogancia ;* e ja antes d'esta prophecia se denominava *estylo inchado* ao que tem falsa elevação, pompa falsa.

Vieira, que denomina os suberbos *inchados como montes*, querendo, noutra parte, explicar como no pequeno valle de Josaphat hade caber todo o género humano, no *Dia de Juizo*, diz que então cada um se hade achar tão *incolhido com o medo*, que hão de caber todos lá muito bem, e mais que fossem.

Pois sim ; mas tudo isso é um falar reles e indigno de um propheta altisonante.... que não pode ver nada *incolhido*.

O globo, se se apoucasse com o *terror* e *delirio*, havia de fazer bonita vista ! Pois não foi melhor ficar *immenso*, a poder de *inchado* de *terror* e *delirio* ? O *delirio* tambem *incha*. E, quando não, é reparar no como todos os *doidos* (á excepção de um) são *inchados* !

Viva o *bom senso !*

(50) *Os grandes astros*... Tomem bem sentido em que foram só os astros grandes, porque a turba dos pequenos não tem voz em conclave ; sobre as ruinas das theocracias exalta-se o novo poder das uranocracias.

(51) Nada tão sublime, claro e brilhante como este *viveiro immenso de fulgores*! Os *fulgores em viveiro*! Era cousa que ficava por dizer, se não tivesse vindo ao mundo este propheta. E perdia-se muito.

E com effeito a idéa de *viveiro* vinha até hoje accompanhada da de um espaço fechado, de um cárcere, d'onde não podiam sair os pássaros, os peixes

Atiravam de sol em sol (52) as notas
Do eterno concêrto (53).
E foi rolando (54)
Vertiginoso (55) e bebado (56) de horrores (57)

---

ou as plantas. Aqui temos os fulgores, a luz, fluido imponderavel, a quem o Oleiro do Infinito quiz levar para a cadeia do viveiro; e ella o que faz? deu-lhe uma rebentina; escangalhou as grades do viveiro, e afim de mostrar para o que prestava, poz-se, Leotard do Infinito, a fazer exercicios de zampillaerostação, pulando nos trapézios sideraes. E' bem feito: quem mandou ao Oleiro prender uma entidade livre e independente, conscia da sua dignidade? Muito prudente foi o Fulgor em não pregar uma estocada no Chaos.

(52) *Os astros atiravam de sol em sol.* Perguntou-me um impertinente, se este sol era o sol; e em caso affirmativo, se havia muitos soes; e como é que os astros se iam incaixar dentro dos soes, para se arremessarem pedradas de luz, e se sebastopolizarem uns aos outros?

Outro me observou, dando já diversa interpretação, que o auctor podia dizer logo: *os astros atiravam, de uns para outros*, visto que os *astros* são *soes*.

Repito porem: esta ponderação não é minha, e eu não quero arriscar-me (ou, na linguagem do propheta, comprometter-me): é de um má lingua, que ousou chamar a esta phrase um *gallimathias*, e *gallimathias d'Alverca*.

Que vá elle bugiar! Pois pode negar alguem a sublimidade d'isto:

Os grandes astros
Atiravam, de sol em sol, as notas
Do eterno concêrto?

E quanto á nica, de dizer que os *astros* são *soes*, respondi-lhe que não seja parvo. Leia com mais attenção, e reconhecerá que a palavra *sol* aqui não significa nenhum corpo celeste luminoso, mas unicamente.... nota de música; segundo se prova pelos vocabulos *nota* e *concêrto*. O propheta dice *de sol em sol*, como poderia dizer *de ré em ré*, *de si em si*, ou *de dó em dó*.

Dó me causam a mim estas críticas desassisadas.

O texto está magnifico, e quer dizer (salvo êrro) que os astros executavam um concêrto, de uma oitava, nada menos — de *sol* até *sol*. — Ora ahi está o que é.

E aqui permitta-se-me approveitar a occasião para falar de outro esplendido vaticínio do nosso propheta.

No *Instituto*, jornal de Coimbra, apparecem umas sumptuosas páginas do mesmo Sr. Anth. do Quental, sobre o *Futuro da música*. Está visto que a predilecção dos vates é pelos futuros. Acaba o leitor de ver que, na creação do mundo, tudo era música, e até os soes e os astros levavam o seo tempo a gargantear. O passado ja passou. Quer o leitor saber qual será o futuro da música? Será.... será.... será não haver música nenhuma.

E a argumentação que nos leva a este prognóstico, é a seguinte. O porvir é o definido; o presente é o vago; ora, sendo o vago o caracter dominante de toda a música, segue-se que esta não desembarcará nas praias do futuro. E está dito.

E não cuide o leitor que eu improviso, pois d'isso sou incapaz. A tal dis-

E o pó —migalha—parto—morcego—bola—informe—foi rebolando com uma vertigem e bebedeira de horrores, por

---

sertação sobre a música, não traz sobre a música 20 linhas ; mas eil-as transcriptas :

—« Os caracteres essenciaes da sociedade que tem de vir, não podem combinar com a música. Esta, como uma lingua que ja não pode conter um pensamento complicado e que a excede, luctará contra uma forma mais rigorosa, será cada vez menos usada, tomará um logar secundario, e esquecerá por fim »....

—« A música, incapaz de reproduzir um estado de espírito fixo, sereno e alegre.... com os phantasticos ideaes e para elles nasceu ; com elles tem de morrer. Será o seo ultimo gemido o extremo ai exhalado pela moribunda alma antiga. O seo excesso de hoje é uma crise ; agita-se para morrer. A última música será um gemido sobre a campa de uma edade finda. »

Então é aquillo ou não é ? Portanto, do polo positivo das *oitavas dos astros*, passaremos ao polo negativo de não haver música nenhuma ; paternal aviso aos tocadores de gaita e berimbáo, pois o futuro não tolerará, quando muito, senão a rebeca.

(53) Safa, que um *concêrto eterno* é de matar. Eu, se me dessem para comer só papos d'anjos, ao terceiro dia brigava.

(54) Ja vimos um verso acabado em *foi rolando ;* 2 versos depois, outro acabado em *foi descendo ;* 7 depois, mais outro acabado em *foi rolando*. Esta idea de *rolar* ou *rebolar* da *bola*, serve para repetição no relógio do Infinito. E que tem lá isso ? Ahi se prova que o propheta é veridico ; fala sempre pela mesma bocca.

(55) Admirámos alli em cima o *morcego meio tonto*, com a meia tonteira *caido no salão ;* e que em consequencia de tal queda *foi rolando, foi descendo* e *foi rolando*. Agora aqui, voltamos para traz : apenas o inxergamos no estado de *vertiginoso* ; isto é, agora é que descobrimos a perturbação do casco, o vágado, que ja lá atraz tamanhas cousas produzira. Não ha que dizer : os *crescendos* de pernas para o ar são um dos dogmas da religião. Quanto finalmente ao tal *vertiginoso*, após tantas descripções da vertigem, parece uma especie de redundancia ; mas deixal-o parecer ; nem tudo que parece, é.

(56) Quem diz que *bebado* é termo baixo, vil, ignobil, torpe, sordido ? Isso era lá segundo as poeticas velhas, e os tratados impertinentes de civilidade. Pelo contrario, nada ha mais sublime que a *bebedeira*. Para o bebado não ha leis: *Potus et ex lex*. Vê os reis e a humanidade abaixo de si ; domina o mundo: *libera vina*. Todas as sympathias da eschola estão seguras ao empinador do cangirão : *Gratius ei nihil est, quam bibere, potare, perpotare, poculum haurire, vino ventrem distendere.*

Deus nos livre da proscripção dos vocabulos, nem de aristocracias de vocabulario. Todas as palavras são filhas de Deus, e com direitos eguaes, perante os escriptores livres e conscienciosos.

E então, porque é baixo um termo que designa, com só tres syllabas, tantas e tamanhas excellencias ? Se nem os proprios dithyrambos da Arcadia se atreveram jamais a escrevel-o, é porque não sabiam o que era *bom gosto*. Está muito bem o que está ; não lhe bulam, que o estroem.

(57) Agora o que não percebemos muito bem, é como *a bola* se *embebedou*

O feio (58), ébrio (59) da mesma (60) fealdade (61) !
O mal possesso de seo mal (62) ! As trevas
Cheias de medo de se ver tão negras (63) !

E o firmamento arfava (64) num delirio (65)
De harmonia e ventura (66) ! O espaço (67) ardente (68)
Suava luz (69) — girando no infinito (70) —
Pelos poros do ceo.... que são estrellas (71).

---

de horrores ! Aquelles *horrores* hão de ser algum líquido inebriante, que se venda ingarrafado, ou aos toneis, em alguma taberna immensa, talvez sita ao pé das *olarias do infinito.*

E não é temerario o cuido ; porque onde ha *oleiro*, ha infusas, *cangirões* e *malgas ;* o que tudo suppõe a existencia de *tabernas.*

(58) O *feio* por excellente é o *globo morcego.*

(59) Torna-lhe a dar com a balda da *camoeca.* Bem feito !

(60) Queria dizer *da sua propria* ; mas nem tudo cabe no verso; mette-se lá o que se pode. Quem o quizer melhor, que o faça.

(61) *O feio ebrio da mesma fealdade*
não n'o intendem todos; mas nisso mesmo é que está o seo merecimento.

(62) *O mal possesso do seo mal* tambem já tiveram o desaforo de lhe querer chamar gallimathias d'Alverca.

Olha que censura tão espirituosa ! Pois isto não se intende á primeira vista? E' *o mal que está possesso do seo mal,* como quem dicesse, Deus me perdôe · *Tenho um defluxo. que está cheio do seo mesmo defluxo*, ou *Tenho uma dôr que incerrà dôr*, e outras muitas mais cousas elegantes, bonitas e claras.

Havia agora um propheta falar como toda a gente! Não senhor. *A prophecia vem sempre cheia da sua mesma prophecia.* Está clarissimo !

(63) .... As trevas
Cheias de medo de se ver tão negras.

D'aqui se segue, por boas contas, 1.º que as trevas tambem tem olhos, e tão bons que ellas podem ver, e a si mesmas, nas trevas negrissimas; 2.º que para a negridão não ter medo, é preciso ser clara. Está claro, a despeito de tanta escuridão.

Não é só sublime : é *bom senso* muito averiguado.

Mas, ainda agora eu reparo. Esta poesia é a cousa mais medrosa, que eu tenho visto : — Morcego meio tonto com medo — esconde-se pela sombra — que o não vissem os socs — mais o medo creseia — mais o horror de si o indoudecia — inchado de terror — vertiginoso — bebado de horrores — ebrio da fealdade — possesso do seo mal — trevas cheias de medo — indoudecia (de medo) — uma aza era de espanto....

Uf, tanto medo! Até eu já estou todo sentindo-me com pelle de gallinha. Uh ! Papão !

(64) Os intendimentos curtos não fazem idea do que seja o *firmamento a arfar num delirio de harmonia e ventura !* Não tenho culpa d'isso. A expressão não pode ser mais nitida e diáphana.

(65) O termo *delirio* é empregado com profusão pelo propheta, em todas as suas obras : *Ex re nomen habet.*

(66) *Delirio de harmonia,* sim sr. ; nunca viu ? e nem o *delirio de ventura*?

causa da sua propria fealdade, e da maldade que o indemoninhava, e da negridão que o vestia.

E o ceo palpitava, doido de contente ; e o espaço ardente, girando no infinito, transpirava luz pelas estrellas, que são poros do ceo.

E tambem nunca viu nem imagina *firmamentos a arfar*? Não tem visto nada. E' a vergonha da minha cara.

(67) Ainda agora vimos que o *Espaço* era um dos braços do Infinito ; mas agora aqui já não é. Então que admira? e que se segue d'ahi? E' que o Infinito já deitou os bracinhos de fora.

(68) O epitheto de *ardente* para o *espaço* é de uma transcendencia estupenda.

(69) Admire-se a originalidade : *O espaço a suar luz pelos poros do céo.* Pertence á eschola um poeta, que aqui ha pouco tempo publicou pelos jornaes um soneto que inderessou a uma cantora, e no qual dizia que o *theatro suava flores á artista*. Era assim :

Cantaste artista implacavel
Fizeste ainda mais esta vez brilhar :
A Norma fizestes a todos agradar,
Fostes bella e tambem agradavel,

Suava o *theatro flores á artista* amavel
Só por teo sympathico cantar.
Tão bellos agudos fizestes soar,
Que foi uma noite a todos incantavel.

Fostes eximia artista victoriada
Por esse publico tão generoso:
Ficastes nos corações gravada.

Para sempre esse nome mimoso
Hade ser-nos artista alembrada
Como thesouro mais precioso.

(70) *O espaço ardente suava luz, girando no infinito.* O espaço a girar no Infinito! Consta-me que o Michelet perguntou como era esta cousa. Dizia aquelle philosopho: A palavra *Infinito* , embora a intelligencia humana seja fraca para conceber a sua significação, só se refere a *espaço sem fim.* O espaço , por si mesmo , e independente dos corpos que o povoam e suas athmospheras, não é cousa que possa girar ; mas sobretudo o espaço girando no espaço sem fim.... Não o deixei acabar, e mandei-lhe dizer: *Et tu quoque, Brute !* A sublimidade não é para os teos dentes.

(71) Como é isto ? As estrellas, corpos solidos, são, no *ether*, *espaço* , ou *vácuo (si datur in rerum naturâ)*, não buracos, que é o que quer dizer *poros* , mas precisamente o contrario d'isso. Cada corpo celeste está tapando e obstruindo por sua parte uma porção do vácuo.

Para a physica rasteira, assim é ; mas do alto do Bussaco, d'onde quarenta seculos contemplavam o propheta, do alto do Bussaco onde o propheta sonhava, avistou-se provavelmente cousa mui diversa. Cada estrella percebia-se

Oh ! como a ave (72) da noite eterna (73), ao ver-se
Dentro do dia eterno.... indoudecia (74) !
Como rolava (75) tonta (76) a um lado e a outro (77)
Batendo (78) as duas azas— Sombra e Espanto (79)—
Por todo esse infinito ja não via (80)
Um so buraco (81) que a escondesse !

O Abysmo (82).

---

que era um furo. Victor Hugo (genio, que todavia tambem não raro coimbriza) chamou á estrella um *prego de ouro* no firmamento. Os nossos Hugos de pechisbeque chamam-lhe *buraco*. E a final de contas, haverá acaso grande differença entre um buraco e um prego ? Com este não se faz aquelle ?

Quem tiver *bom senso*, não o hade negar.

(72) O propheta, que chamara ao nosso globo morcego, agora nos revela como a Historia Natural andava.... tonta ; e para pôr as cousas no seo logar, classifica o *morcego* de *ave*. O ser o morcego quadrúpede, mammífero, vivíparo, pelludo e não plumoso, são bagatellas, ante as quaes um estro independente não empaca. E' *ave*, e acabou-se.

Recommendo aos Srs. Laemmerts que na sua *Historia Natural de Martin e Rebau*, colloquem os morcegos na secção ornithologica.

(73) *Da noite eterna !* Se eterno é o que não tem fim, e se esta noite tinha de caír no dia, isto é se estas trevas tinham de ser dissipadas pela luz, faz sua confusão ver chamar eterna a uma noite, destinada a incaixar-se dentro do dia. Mas uma meditação profunda explica bem este passo: quer dizer *temporariamente eterna*.

(74) Ja em cima lemos do morcego

Que mais o horror de si o indoudecia.

Agora aquelle infeliz mentecapto, que ja vinha meio tonto, cheio de medo e horror de si, inchado de terror, vertiginoso, feio, ébrio, possesso, e bebado, torna a indoudecer, coitadinho, e fica doudo sobre doudo :

Dentro do dia eterno indoudecia.

O caso não era para menos. E eu, para me não succeder como ao morcego, vou rolando para deante.

(75) Desde o principio que não faz outra cousa ; e até, segundo vejo, ja me vai pegando a infirmidade.

(76) Ja lhe chamou *bebada*, *ébria*, *meia tonta*, etc. e agora *tonta* de todo. Achou molle, carregou. E' o *bom gosto* na sua mais alta expressão.

(77) Os *lados do espaço* não são para as vistas curtas.

(78) *Rebolava* ou *batia as azas* ? Fazia tudo, para não perder tempo. Não estejam ahi a sanfoninar o propheta, que *bate as azas*, e *rebola* como muito bem quer.

(79) Ora que vou chegando ao termo de minhas altíloquas lucubrações, devo neste logar fazer uma observação retrospectiva, de incalculavel alcance.

O Leonel da Costa, nas *Geórgicas*, fala-nos em *cavallos bipedantes* ; e diz-nos a ultima edição de Moraes que *bipedante*, termo poetico, significa cousa que tem dous pés. Esta poesia é pois *bipedante*, como se prova neste e em outros logares. Cada uma de suas peregrinas ideas, para bem marchar na senda do progresso, e na via do infinito, é sempre dada em duplicata, quando não em triplicata e quadruplicata ; tem mais pés que uma centopeia.

Vimos atraz que o *Chaos* tinha duas mãos diversas : *Tempo* e *Espaço*. A

A bola terráquea, ave da noite eterna, vendo-se dentro d'aquelle dia eterno, rebolava de um lado para o outro, a bater a Sombra e Espanto, que são as suas azas, sem ver ja um só buraco, por onde se mettesse.

---

bola—ave—morcego tem duas azas tambem diversas: uma *sombria*, outra *espantada*. Ahi temos uma imagem admiravel, repetida. —Bipedante!

Bom senso, bom de lei! (Se pintar algum objecto com dous olhos, pôr-lhe-ha um de gordura, outro como um repolho. Os membros gémeos e correspondentes devem ser sempre diversíssimos, segundo as leis synderéticas da transcendencia prophética). Continuemos porem a estudar as ingenhosas duplicações:

Vimos que os *soes* e *estrellas* eram *algarismos*,—e tambem massa de *barro*—e tambem *lustres de salão*—e tambem *viveiro*—e tambem *dilettanti*—e tambem *poros do ceo*. —Hexapedante!

Vimos que a *terra* era *pó de mundos*, *resto de trabalho*, *migalha de banquetes*, *parto de sombras*, *cousa atirada sobre um berço*, *morcego*, *bola*, *doudo*, *gira*, *inchado*, *vertiginoso*, *feio*, *ébrio*, *bebado*, *possesso*, e *avo*. —Ekkaidekapedante!

Oleiro do infinito; girando no infinito; não via no infinito.—Tripedante!

Morcego meio tonto, e *bola tonta*.—Bipedante!

Morcego horrivel, e *pó horrivel*.—Bipedante!

Cantos do espaço, *e um lado e outro do espaço*.—Bipedante!

Foi rolando, *foi descendo*, *foi rolando*, *rolava*.—Tetrapedante!

Involto em trevas, *maior era a treva*, *trevas* medrosas. —Tripedante!

Medo, *horror*, *terror*, *horrores*, *medo*, *espanto*.—Hexapedante.

Indoudecia e *indoudecia*.—Bipedante!

Inchado de delirio e *o firmamento arfando num delirio*.—Bipedante!

O feio ébrio da fealdade. O mal possesso do mal.—Bipedante por partidas dobradas!

Sombras que parem, e *sombras* que são azas:—Bipedante!

Bola escura, *involto em trevas*, *negro*, *trevas negras*. — Quadripedante!

Estranho, *monstruoso*. — Bipedante!

Noite eterna, *dia eterno*.— Bipedante!

Poros, *buracos*.— Bipedante!

Abysmo e *abysmo*. — Bipedante!

Ainda supprimo uma porção, que o leitor escrupuloso facilmente reconhecerá. Ora esta paternal insistencia, numa poesia que se lê de uma só expiração (48 versos), patenteia o ardor com que o propheta almeja por nos incutir bem nos cascos o seo perigrino doctrinar.

(80) *Ver pelo infinito todo*, é uma locução para confundir os metaphysicos mais arrojados.

(81) Aqui é que se nos affigura que o propheta claudicou.

Pois cada estrella não era buraco, segundo a sua anterior e expressa declaração? Pois se era, e se o morcego estava vendo tantas estrellas ao meio dia, como é que não via outros tantos buracos? Não tinha o morcego mais que afocinhar um d'elles, e alapardar-se lá dentro. E' um reparo este, que inchado de medo me permitto fazer, e com todo o devido respeito.

(82) Neste fim é que se não fica intendendo nada, o que impõe á prophe-

Todas as obras dos nossos prophetas são pelo gôsto d'este estupendo capítulo apocalyptico, e merecem que mais sábios scholiastes do que eu as interpretem, para que o mundo não perca um iota de tão profundas meditações.

Elles nos preveniram de que de ora avante nada se dirá como até hoje foi dito, porque temos apóstolos que nos guiem por entre os labyrinthos do futuro. E sabeis vós, leitores meos, quanto pesa, vale, e significa um apóstolo, na bocca do Sr. Th. Braga (*V. dos T.* p. 160)? Um apóstolo é uma pomba — e é um grito — e é uma sombra de palmeira (quereria dizer mangueira, não póde deixar de ser) — e é um sol — e é um que traz o dia — e é o obreiro (*errata* oleiro) do futuro—, e muitas cousitas mais, rematando por ser um

Martyr calado no flagício escuro!

(Não cuide o leitor que se enganou, nem emende, que è assim mesmo). Ja se vê que um apóstolo é a botica do Xêxé.

Ora pois, os supraditos apóstolos apostolizam que desde ja sejam tudo *invenções* e *innovações;* e são os primeiros que dão o exemplo. Nunca ninguem dice as cousas que elles inventam.

Que mina para eguaes explorações não seriam as páginas do Sr. Th. Braga! Nem o Padre Alapida escreveria mais do que teria ja hoje de escrever um consciencioso commentador d'este.... d'este aedo tambem.

---

cia o derradeiro sello de authenticidade. Como acabou aquelle grão trabalho do Chaos? que foi feito das suas mãos? que destino tiveram as azas do morcego rolante? que practicou elle quando, alongando olhos por todo esse infinito, á caça de buracos, não via nem um para pôr num olho?

Resposta: O Abysmo!!!

E' um estupendo *quos ego*. No seo não dizer nada, é que está o dizer muitissimo. Não estais ahi vendo as Fúrias suspendendo a pena? este *Abysmo* rompendo a força de seos brados? Pois eis-ahi: é tal e qual a *Ulyssea* (c. III):

Rompe o *Abysmo* a força de seos brados,
onde as Furias a pena suspenderam!!

Sim, a verdadeira solução do problema é aquella, porque.... porque *abyssus abyssum invocat*, do mesmo modo que o mal está possesso do seo mal, e finalmente porque toda esta mastodontica prophecia é mesmo de *abysmar*.

E as deliciosas e sapientissimas imagens ! Isso é o *non plus ultra* dos méritos coimbrões.

Abra-se ahi á ventura uma das obras do Sr. Th. Braga, por ex., os *Contos phantasticos*. Em cada página choverão as assombrosas innovações, e ahi vão ao acaso meia duzia :

— « A antíthese fatal é que parodía a exaltação religiosa nos ritos grotescos da egreja ! » (p. VII).

— « *Manon Lescaut* é uma das verdades eternas do sentimento humano (é do humano) ; a contradicção do que mais se aspira e idealiza, a vontade negando-se, mobilizando-se nos multiplices desejos que tumultuam na alma ! » (p. IX.)

— « A assombrosa maravilha d'arte, é o *Neveu* , de *Ramau* (p. IX.)

— « Nos seos contos ha a hallucinação prophética da doudice. » (Tomem conta, que é o auctor quem diz, e não eu). (p. XI.)

— « O amor, que esmalta a vida, é que abre o cályce das flôres para as abelhas tocarem os nectários ! (p. 16).

— « A andorinha , quando parte, vôa na aza ! da rajada! hyberna ! que a empurra ! (p. 18.)

— « Despertar uma mulher, seria perturbar a crystalização de uma gotta de orvalho , que se transforma numa pérola (p. 18.)

— « Uma lágryma é a gotta do oleo aromático da alampada escondida ! ; em vez de fazel-o desapparecer ! involto na nuvem ethérea ! a lágryma trazel'o-hia ! como um grande astro, que leva após si myríadas de planetas (p. 18.)

— « Dormia com um somno hypnótico ! parecia o invólucro de uma chrysálida mysteriosa (p. 19.)

— « O semblante da Emma era santo como o frontispício de uma cathedral da edade média ! As flexas, as linhas architectónicas a infinitivarem-se para o alto , eram os seos cabellos ! O olhar era mysterioso como uma ogiva ! (p. 25.)

— A moça « appareceu-me brilhante como Jehová na sarça ardente ! » (p.) Bella comparação ; alem da verdade de ter Jehová apparecido a Moysés, que só lhe ouviu a fala.

— « A vida assim é o vegetar do lichen na humidade das lágrymas » (p. 28.)

— « Dansavam possuidas do mesmo furor que inspirava o corno de Oberon (p. 38.)

— « Voltou-se o cadaver de Branca sobre o peito, furtando á vista hallucinada o verticello pudibundo da flôr , que eu fizera pender sobre o caule, e cair emmurchecida (p. 42.)

— « O horizonte fechava-se lentamente, como o véo de um templo que se corre (p. 43.)

— « Pallidez retincta » (p. 44.)

— « A lágryma ingénua que tremeluzia viva na pupilla scintillante » (p. 45.)

— « O vento frigido sibillava na enxárcia; parecia uma serpente escamosa, quando assovia na floresta intrincavel (p. 49.)

— « O ranger dos remos fazia lembrar de hora em hora o estertor de uma grande agonia (p. 52.)

— « O risco repercute-se na alma! como o estampido! de uma detonação! que fulmina! » (p. 55.)

— « O vazio da existencia amputava-me para as distracções » (p. 56.)

— Aquelle homem « trazia uma vestimenta velha, que fazia uma antíthese perfeita com a sua edade » (p. 57.)

Ah qui d'el-rei. Eu ia sem me sentir, commettendo um delicto, pois que a propriedade litteraria é uma propriedade como qualquer outra, e eu não tenho direito de transcrever inteiro o livro, apezar de estar aqui virando paginas á tôa, sem mais razão para transcrever esses formosos trechos que todos os que deixo em branco. Leiam o livro, que val a pena.

São magnificas com effeito as invenções dos Srs. Quental e Braga. Vá sempre mais um exemplo.

No *Jornal do Commércio*, de Lisboa, de 25 de agosto de 1865, vem um mirífico estudo do Sr. Th. Braga, intitulado nada menos do que « *Do cyclo greco-romano na poesia popular portugueza* » Ouriçado, segundo o costume, de citações de obras estrangeiras, lidas ou adivinhadas, ao que é portuguez consagra meia duzia de linhas. E que linhas! que tino! que profundidade! que maravilhas!

Sabeis vós aonde o vidente foi descobrir a influencia da litteratura byzantina na edade média, do cyclo greco-romano na poesia portugueza? Foi... foi... foi nas frescas décimas a Ullysses, *No cimo da Cotovia*! Um achado d'estes estava demandando uma intelligencia sublime d'aquella ordem, mas, por fortuna do género humano, esta appareceu no dia em que mais a precisavamos.

Não quero estragar com a minha prosa tosca a belleza de um tão original original. Copiarei os trechos comprobativos da sobredita influencia greco-romana:

— « A tradição primitiva diz que Ullysses veiu, na fatalidade de seos errares, fundar esta cidade de Ulyssea. O

romance de Ulysses ainda anda em elaboração na mente do povo, o typo do aventureiro solerte e divertido. Em Cascaes se encontram muitas cantigas celebrando o capitão grego ; e a forma predominante d'essas narrações era o *amphiguri*, por exemplo :

Ulysses, heroe matreiro,
Andava apanhando ninhos,
E vendia os passarinhos
Por avultado dinheiro.
De ser bom passarinheiro
A fama nos aturdia ;
Mas consta que certo dia,
Numa rêde que lançou,
Dous cochichos apanhou
No cimo da Cotovia. »

E então ! Não é tudo isto litteratura byzantina ? Como jazemos tantos annos na ignorancia de uma ligação tão evidente e tão honrosa para a nossa litteratura popular ? Graças a Deus, que hoje de Cascaes até á Praça da Figueira—do Chafariz de Dentro até á Ribeira do Peixe— todos os portuguezes reconhecidos sabem ja quanto devem ao cyclo greco-romano.

E a convicção ainda ficará mais funda, ao vermos, no mesmo artigo, corroboradas aquellas ingenhosas e admiraveis doctrinas, com est'outras linhas, que lá resurgem adeante, pelo tal systema *bipedante* :

« A lenda de Ulysses é inteiramente popular. A correcção de fórma (!) accusa origem popular. E' mais aventureira do que historica. Os fadistas retratam-se em Ulysses do *cimo da Cotovia* :

Ulysses, ardendo em brasa
Sobre o mar das Trebizondas,
Andava em cima das ondas
Como nós por nossa casa.
Não podendo fazer vasa,
Foi-se ter á Normandia,
Aonde tinha uma tia
Que lhe deu uma merenda
Com que foi pôr uma tenda
No cimo da Cotovia.

« Como nestas decimas populares não ha uma acção determinada, limitamo-nos a appresentar este fragmento.... Pa-

recerá talvez fora do natural esta assimilação que o genio popular faz das lendas eruditas do cyclo greco-romano. Não é. »

Não é ; não é ; não é ! gritamos todos nós em coro. Isto é tudo muito natural ; isto é tudo poesia Rozendã ou Coimbrã, estreme e genuina ; para ella devem ardentemente convergir todas as sympathias dos excelsos vates regeneradores ; em taes dizeres é que ha novidades novas , exigencia absoluta da eschola ; eis-ahi como se inventa e se innova , e se antecipam as bençãos do futuro enthusiasmado. Os regeneradores Rozendões são byzantinos , e greco-romanos do cyclo. A phrase agrada ; é sonora.

E' tempo de pôr termo a estes respeitosos estudos dos inspirados mancebos de Coimbra (se é que não antes de S. Miguel). A minha voz desauctorizada não tem força para lhes manifestar quanto a geração vindoura está grata aos seos exforços. Eu bem desejára exprimir-me com uma elegancia e sublimidade dignas do meo assumpto ; mas quero dizer *amor*, e não me chega a língua. Nestes termos , para pôr um remate condigno a estas investigações, ou antes fechal-as com chave de ouro, procurei nas páginas dos Coimbrões qual era o ente humano, mais digno de veneração e de applauso, afim de pedir-lhe a mercê de encerrar o meo livro.

Achei. E' o Goethe ! Nas *Theocracias litterarias*, o Sr. Th. Braga lhe chama o semi-deus da arte, accrescentando que a differença entre Goethe e o Sr. Castilho é a mesma que dá um zero por denominador. Aqui importa fazer outra litteral transcripção. Diz o Sr. Th. Braga :

— « Uma das phases mais brilhantes da vida de Goethe, depois de se ter encarnado no *Fausto,* e contemplado ! o ideal sereno ! do mundo antigo ! as formas encantadoras de Helena ! o typo supremo ! do bello ; depois de ter representado as luctas e revoluções com que o christianismo abalou a alma humana ! na sublime creação da *Noiva de Corynthо,* o vulto ! do pensador e poeta realisa em si a mesma perfeição plástica ! sente que se transfigura ! a fronte involve-se numa majestade olympica ! »

E os echos das bombas
Estalam nas trombas
Dos rhinocerontes.

O auctor diz que *se transfigura.*

Não Sr. ; somente se *amphigura,* porque tudo isto não é mais que o *amphigurí,* que elle nos denunciou na poesia popular influenciada pelo cyclo greco-romano. Está muito bom no seo género. E' um manifesto práctico de guerra contra a rançosa grammática, um aríete contra o feudalismo do senso commum.

Não importa. O essencial é colligir-se da opinião dos illuminados que o supremo tribunal de justiça humana, o semi-deus da arte, é Goethe. A elle pois supplico duas linhas para final d'esta Memória, e elle tem a bondade de m'as deparar, numa carta que dirigiu a John Falk, e que anda appensa á traducção do aqui tão encomiado *Fausto,* por H. Blaze. Eis-aqui uma versão fidelissima. Ainda que pareça impossivel, é o proprio Goethe quem fala, sem modificação de uma virgula.

— « A homens graves ouvi eu muitas vezes dizer, quando era rapaz, ser frequente levar um seculo a trabalhar para produzir um poeta, um pintor de génio. Mas, segundo parece, a nossa rapaziada, hoje em dia, acabou com essas ideas ante-diluvianas. E' um gaudio ver como elles tractam o seo século.

« Agora, ja se não sai do seo século, como era natural, mas decreta-se absorvêl-o inteiro em si mesmo ! E se não corre tudo á medida da phantasia dos taes adolescentes, insurgem-se contra o mundo, despresam a multidão, e escarnecem do público.

« Ha pouco tempo, recebi eu a visita de um estudantito de Heidelberg, que poderia ter os seos 19 annos. Affiançou-me, com a maior imperturbabilidade que elle ja tinha profundado toda a sciencia, e que perfeitamente instruido no que de ora avante lhe cumpria pensar, resolvêra abster-se de toda e qualquer leitura, não querendo mais do que desinvolver a seo talante as suas theorias sobre o universo, sem se importar nunca mais com linguas estrangeiras, nem systemas, nem classificações, nem livros. Que sublime estréa a d'este rapazelho ! Se cadaum recomeça a saír do nada, que estupendos progressos, dentro em pouco, nos não poremos a fazer ! »

Heidelberg, Liège, e Coimbra, são as tres *etapas* da conquista do porvir.

FIM.

OBRAS

QUE É ABSOLUTAMENTE INDISPENSAVEL CONSULTAR, PARA INTELLIGENCIA D'ESTE LIVRO.

N. B. Em linguas indo-germanicas, a oeste das vertentes do Muz-tag e do Bolor-tag. —

EM GAELICO:

Ossian—Mac-Lachlan—Armstrong.—

EM HOLLANDEZ:

Justo Lípsio—Scaligero—Grocio—Heinsio—Vossio—Gronov—Haverkamp—Wyttenbach.—

EM FLAMENGO:

Maerland — Willems —Snellaert —Van Ryswyck —Ledeganeck.

EM INGLEZ:

Chaucer —Wyat—Surrey —Heywood —Spenser—Newton —Lord Palmerston—e Christie.—

EM NORUEGUEZ:

Snorre Sturleson (Norges Konunga Sagur).—

EM SUECO:

Folkvisor—Geyer—Afzelius —Atterbom—Arwidson—Stephens—Cavallius.—

EM ALLEMÃO:

Grimm—Ryscher—Dumge—Creuzer—Hegel—e Luthero.

N. B. Em linguas semiticas, originarias do sudoeste da Asia.—

Em chaldeo :

Xerxes—Osthanes.—

Em phenicio :

Sanchoniathon. —

Em arabe :

Mohallah-ben-Rebia— Tharafah— Zoheir—Amr-ben-Kelthuns — Djelal-Eddin — Ali-ben-Abbas — Al-Hassan-ben-Mohammed-al-Wasan.

E em innumeraveis outros idiomas, outros muitos auctores, que, inchado de medo de profusão, aqui ommitto.

N. B. Declaro ao ouvido do leitor, que eu não sei nenhuma d'estas línguas, nem li jamais similhantes auctores. Esta minha erudição é tirada de um catalogo de livreiro, que um amigo me mostrou, insinando-me a escrever os nomes correctamente (*). Nem se diga que, se para intender a minha obra, é mister haver lido estes auctores, eu, que não li nenhum, sou o primeiro dos que não podem entender o meo livro. Isto seria um argumento Arcadico.

(*) Outro livreiro me segredou agora que vai neste catalogo um auctor, que só escreveu sobre a sementeira de grãos de bico, outro sobre contribuições directas, outro sobre um novo systema de ferraduras, e mais outro sobre a arte de frigir ovos sem cassarola. O público desculpará; como ja estava composto isto na imprensa, era tarde para emendar; e até nem me lembra bem quem fossem os taes especialistas. Creio que eram Scaligero, Sanchoniathon, Christie e Cavallius; mas não o juro.

PQ
9050
C37

Castilho Barreto e Noronha,
José Feliciano de
A aguia no ovo e nos astros

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 15 10 04 043 9